

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA – NCT
PROGRAMA DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE – PGDRA/UNIR

FESTEJOS E RELIGIOSIDADE POPULAR:
O FESTEJAR EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS
DE PORTO VELHO/RO

PORTO VELHO

2007

ADRIANO LOPES SARAIVA

**FESTEJOS E RELIGIOSIDADE POPULAR:
O FESTEJAR EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DE
PORTO VELHO/RO**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Fundação Universidade Federal de Rondônia dentro do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – PGDRA/UNIR.

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva

PORTO VELHO

2007

Saraiva, Adriano Lopes

Festejos e religiosidade popular: o festejar em comunidades ribeirinhas de Porto Velho/RO / Adriano Lopes
Saraiva – Porto Velho: UNIR / Núcleo de Ciências e Tecnologia, 2007.

xi, 131 f. : il. ; 31 cm.

Orientador: Josué da Costa Silva

Dissertação (mestrado) – UNIR / Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente/PGDRA, 2007.

Referências Bibliográficas: Religiosidade popular. 2. Festejos religiosos. 3. Populações ribeirinhas. 4. Ecologia humana – Dissertação. I Silva, Josué da Costa. II. Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Núcleo de Ciências e Tecnologia, NCT. IV. Título.

Adriano Lopes Saraiva

**Festejos e Religiosidade Popular: o festejar em comunidades
ribeirinhas de Porto Velho/RO.**

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Josué da Costa Silva – Orientador

Profª. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva

Profª. Dra. Salete Kozel

Porto Velho, Julho de 2007.

DEDICATÓRIA

Aos ribeirinhos e amigos das comunidades de São Carlos e Nazaré por sua atenção, pela colaboração e a receptividade a um jovem estudante perguntador da Universidade, dedico-lhes esse trabalho com gratidão.

Agradecimentos

A realização de um trabalho como esse não teria sido possível sem a ajuda, o apoio, a compreensão e a participação de algumas pessoas e instituições que permitiram minha participação, me brindando com suas capacidades intelectuais e perspicazes no trabalho com as populações ribeirinhas de Porto Velho. É uma tarefa difícil enumerar todos e todas que de alguma forma colaboraram para que eu chegasse até este momento, mesmo sabendo que vou acabar deixando alguém fora desta lista, mas saiba que se não estiver aqui não significa que não seja importante, em algum momento você colaborou, contribuiu e fez a diferença para mim.

Mesmo assim, não poderia deixar de mencionar alguns que durante esse caminhar para compreender o “festejar” ofereceram mais do que simplesmente uma contribuição. Posso afirmar que foram pessoas e instituições que deram seu toque a este trabalho deixando ele mais “hype” do que poderia ser.

Ao DAAD – Programa de Intercâmbio Acadêmico Brasil-Alemanha; pela bolsa de estudos que possibilitou financiar parte da pesquisa e a aquisição de livros e periódicos.

Ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente que abriu espaço para uma temática como os festejos religiosos, aos professores pelos diálogos profícuos no decorrer do curso. E claro minhas grandes amigas Elaine, Ilma, Ceres e Jeanne, com certeza a amizade que surgiu durante o curso vai perdurar por muitos anos, afinal de contas um grupo tinha que “humanizar” esse curso!

Ao “povo lá de casa” pelo apoio, compreensão e paciência nos vários momentos de estresse pelo quais eu passei durante o curso, prometo que meu mal humor vai diminuir muito agora.

Ao meu amigo de jornada, de idealização de desejos, sonhos e da construção de um mundo melhor, Valterlei, mas carinhosamente chamado de Tetê, meu muito obrigado por você compartilhar comigo das vitórias e das derrotas dessa vida louca que a gente vive.

As amigas e amigos dos Grupos de Pesquisa do qual fazemos parte, o GEP Cultura e GEP Gênero, Selma, Telma, Sheila, muito obrigado pelos momentos de diálogo em nossos seminários. As meninas do Centro de Pesquisa de Populações Tradicionais Cuniã, Dina e Eulina pela oportunidade de estar mais perto das

comunidades ribeirinhas e poder participar dos vários momentos da vida dos ribeirinhos.

Aos professores membros da banca de qualificação pelas análises e comentários sobre o texto apresentado.

Aos amigos de perto e de longe: Roberta, Pociana, Isabella, Clemildo, André, Paulo César, Paulo, Régis, Breno, César, meu muito obrigado!

Ao professor Josué que acreditou no meu trabalho e apostou no tema dos festejos religiosos. Obrigado por me mostrar que o fazer científico passa antes de tudo pela emoção, pelo sentimento, pela vivência, que o ser humano e suas relações são itens fundamentais para a compreensão do modo de vida das populações. Agradeço muito pela paciência, pelas palavras de incentivo nos momentos difíceis, que mesmo sem você saber pensei muitas vezes em abandonar a caminhada, mas suas palavras sempre me fizeram continuar e querer ir mais longe.

Falar de festejos e de religiosidade não se pode deixar de agradecer ao ser superior que me protegeu nas viagens, guiou-me nos caminhos mais seguros, me deu força nos momentos de fraqueza, não sei se chamo de Deus, mas sei que esse ser existe e sempre contei com sua ajuda.

E para finalizar não posso deixar de agradecer a uma pessoa que sempre me deu força, sempre falou para eu ir onde eu quisesse e fazer aquilo que eu tivesse vontade, me mostrou como enfrentar os obstáculos de cabeça erguida, mesmo não estando presente junto de mim, sempre estive “presente” em pensamento e sentimento; Guilherme meu muito obrigado!

Festa

Mariana Aydar

Composição: Mariana Aydar/Duani

Vamos fazer uma festa
Deixar o que for pra ser, acontecer
E se quiser entrar na dança
Só depende de você

Pra entrar nessa festa
Não precisa se preocupar
Solte o barco na corrente
Deixe a vida te levar
E por toda a cidade
O nosso canto vai ecoar
E tudo será verdade
Quando o amor se espalhar

O destino vem marcado
É bobagem querer mudar
Vai ficando complicado tentar
mexer no que já está
Se você olhar direito não tem nada
pra negar
Suas cores, seus temores, tudo
certo no lugar!

SARAIVA, Adriano Lopes. **Festejos e religiosidade popular: o festejar em comunidades ribeirinhas de Porto Velho/RO**. Porto Velho, Rondônia, 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente), Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

RESUMO

Essa pesquisa analisou a religiosidade popular contida nos momentos do festejar dos Festejos Religiosos das comunidades ribeirinhas de São Carlos e Nazaré, município de Porto Velho, Estado de Rondônia. Os Festejos de Nossa Senhora Aparecida, de São Sebastião e de Nossa Senhora de Nazaré; foram os objetos da análise aqui apresentada. O objetivo do estudo foi analisar os festejos religiosos e a relação que estes possuem na formação da religiosidade popular das comunidades onde o estudo foi realizado; tendo como referências elementos como a devoção, a fé e os momentos do festejar que são inerentes a cada uma das festas. A questão que norteia a investigação se fundamenta na relação entre a religiosidade popular existente no grupo e os momentos do festejar que fazem parte dos festejos, buscando compreender se o festejar e a religiosidade popular do ribeirinho se constituem em respostas simbólicas e religiosas às mudanças produzidas pelos novos valores sociais, frutos do crescimento econômico, de novas práticas, valores sociais e a inserção do grupo nos grandes projetos de desenvolvimento planejados para a região ribeirinha de Porto Velho. A metodologia da pesquisa se deteve nos seguintes aspectos: participação nos festejos religiosos das comunidades; realização de levantamentos documentais e bibliográficos; definição dos instrumentos de coleta de dados; classificação e ordenamento dos dados. Dessa forma as festas religiosas realizadas nestas comunidades são exemplificações da história cultural na qual a impregnação do universo cultural do grupo está presente; o que nos mostra que os festejos são manifestações marcadas por atividades coletivas, pela qualidade e quantidade de danças, pela efervescência coletiva, pelas inúmeras representações de crenças e pela celebração em torno da imagem do santo protetor.

Palavras-chaves: Festejos religiosos; Religiosidade popular; Comunidades ribeirinhas; Efervescência coletiva; Desenvolvimento regional.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Parties and popular religiosity: The Party in the community that live next to river in the municipality of Porto Velho/RO.** Porto Velho, Rondônia, 2007. Dissertation (Master's degree in regional development and environment), University Federal from Rondônia – UNIR.

ABSTRACT

This work analyzed the popular religiosity existent in the moments to celebrate of the Parties Religious from community that live next to river. Community of São Carlos and Nazaré, municipality of Porto Velho, the state of Rondônia. The Parties of the Nossa Senhora Aparecida, of São Sebastião and Nossa Senhora de Nazaré; they were the object to analysis of that work. The object study it was analyzer Religious Parties and relation that they have in the formation of the popular religiosity of the community where study was realized; I try as reference elements as the devotion, the faith and the moments to celebrate which are important each parties. The question which guides investigation is based on the relationship between popular religiosity existing in the group and the moments make up party do parts of the parties, considering to understand if the celebrate and popular religiosity of the people live next to river consist in symbolic answers and e religious to changes make by new socials values, because growth economic, news practices, news values and inclusion of group on the big projects of development planed to region of the people live next to river of Porto Velho. The methodology of research consists in the following aspects: Participation in the religious parties of the community; realization research of documents and bibliography; definition of the instrument of search information; classification and organization of the information. Therefore the religious parties did in this community are examples of cultural history which the cultural universe of the group is present; what show us that parties are manifestation seen by collectivities activities, by quality and quantity of dances, by collectivity exaltation, by many representations of faith e by celebration around of image of the protect holy.

Key words: Religious Parties, Popular religiosity, community that live next to river, collectivity exaltation, Regional development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
<u>CAPÍTULO I. A METODOLOGIA E A PARTICIPAÇÃO NOS FESTEJOS RELIGIOSOS:</u>	
DESAFIOS E APRENDIZAGEM	26
1.1. Campo de Investigação	34
1.1.1. São Carlos	34
1.1.2. O Festejo de Nossa Senhora Aparecida	36
1.1.3. Nazaré	40
1.1.4. O Festejo de São Sebastião	44
1.1.5. O Festejo de Nossa Senhora de Nazaré	45
1.2. O trabalho de campo	46
<u>CAPÍTULO II. O FESTEJO COMO CONCEITO E CAMPO DE ESTUDO: SUA</u>	
IMPORTÂNCIA PARA AS COMUNIDADES RIBEIRINHAS	56
2.1 O festejo como conceito	57
2.2 Os festejos como campo de estudo	67
2.2.1 Os festejos na Comunidade de Nazaré	67
2.2.2 O festejo de São Carlos	73
<u>CAPÍTULO III. CATOLICISMO E A RELIGIOSIDADE POPULAR: UM CENÁRIO DIVERSO</u>	
NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS	77
3.1 Culto aos Santos e a Manifestação do Sagrado e do Profano	80
3.2 O Sagrado no contexto das comunidades ribeirinhas	85
3.3 A religiosidade popular nas comunidades ribeirinhas	88
3.4 O festejar e o espaço socialmente construído nas comunidades ribeirinhas	92
<u>CAPÍTULO IV. Desenvolvimento Regional e Religiosidade Popular: uma relação possível</u>	98
<u>CAPÍTULO V: TODO DIA É DIA DE FESTA: o festejar em imagens</u>	104
<u>A GUIA DE CONCLUSÃO</u>	122
REFERÊNCIAS	126

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapas:

MAPA 1 – Divisão Distrital do Município de Porto Velho – RO.....	39
MAPA 2 – Localização da área de estudo: os Distritos de São Carlos e Nazaré.....	43

Figuras:

FIGURA 1 – Cruzeiro da Comunidade de Calama. Marco da comunidade que já indica que logo ao chegar o viajante encontrará a igreja católica.....	15
FIGURA 2 – Antiga Igreja de São Pedro na comunidade de Nazaré, construção de madeira que foi substituída por uma igreja de alvenaria.....	26
FIGURA 3 – Procissão do Festejo de Nossa Senhora da Saúde, Comunidade de Prosperidade. Fé e devoção durante as comemorações em homenagem à Santa..	56
FIGURA 4 – Andor de Nossa Senhora da Saúde em momento de procissão, comunidade de Prosperidade. Cânticos e louvor são entoados durante o festejo....	77
FIGURA 5 – Igreja da Comunidade de São José da Praia.....	98
FIGURA 6 – O pôr-do-sol no rio Madeira, prenúncio das festividades que estão por começar nas comunidades.....	104
FIGURA 7 – Barco recreio cortando as águas do rio Madeira, transportando passageiros e cargas de Porto Velho às comunidades ao longo do rio.....	105
FIGURA 8 – Barcos recreio chegando em São Carlos para a procissão de Nossa Senhora Aparecida.....	106
FIGURA 9 – Balsa transportando combustível de Manaus a Porto Velho. O rio Madeira é a estrada para os ribeirinhos, fonte de alimento, de subsistência, lazer e diversão.....	107
FIGURA 10 – O sol se pondo no rio Madeira. A noite vêm chegando e com ela os momentos mais esperados do festejo.....	108
FIGURA 11 – Igreja de Nossa Senhora Aparecida iluminada para o festejo, Comunidade de São Carlos.....	109
FIGURA 12 – Procissão de Entrada de Nossa Senhora Aparecida. Momento de louvor, oração e devoção no Festejo de São Carlos.....	110
FIGURA 13 – Entrada da Imagem de Nossa Senhora Aparecida na celebração. Fiel segura a imagem em devoção, levando-a ao altar para o início de missa.....	111
FIGURA 14 – Pátio da Igreja de Nossa Senhora Aparecida em dia de festejo. Espaço do bingo, dos leilões, da convivência da comunidade.....	112
FIGURA 15 – O pátio da Igreja durante a semana. O movimento só existe nos momentos festivos.....	113

FIGURA 16 – Igreja de Nossa Senhora Aparecida em dia de festa. Ornamentação, movimento e festividades marcam os momentos do festejo.....	114
FIGURA 17 – Andor com a imagem da Santa. Procissão terrestre do Festejo de Nossa Senhora Aparecida.....	115
FIGURA 18 – Barco trazendo o andor com a imagem de Nossa Senhora, a procissão das águas enfim chega em terra firme.....	116
FIGURA 19 – Procissão das águas sobe a Terra Firme, logo as duas imagens se encontram.....	117
FIGURA 20 – As imagens se encontram. Água e terra juntas no louvor à Santa...	118
FIGURA 21 – Os fiéis trazem as imagens, A procissão segue seu caminho.....	118
FIGURA 22 – As imagens seguem juntas rumo ao pátio da igreja seguida e sendo louvadas pelos fiéis.....	119
FIGURA 23 – Os dois andores lado a lado. Preparação para a missa campal, enfim água e terra estão juntas.....	120
FIGURA 24 – Momentos de louvor na missa campal, preces, cânticos e penitências cercam a celebração conduzida pelo sacerdote.....	120
FIGURA 25 – Altar para coroação da Imagem de Nossa Senhora sendo preparado para o momento de encerramento do festejo.....	121
FIGURA 26 – Sala de uma residência na comunidade de Santa Catarina, onde observamos a devoção e a religiosidade popular no andor, no oratório e no quadro de São Jorge.....	122

LISTA DE SIGLAS

SEMED – Secretaria Municipal de Educação.

SEMUSA – Secretaria Municipal de Saúde.

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

CERON – Centrais Elétricas de Rondônia S.A.

PSF – Programa Saúde da Família.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

HP – Horsepower ou cavalo a vapor que é uma unidade de potência.

INTRODUÇÃO



FIGURA 1 – Cruzeiro da Comunidade de Calama. Marco da comunidade que já indica que logo ao chegar o viajante encontrará a igreja católica. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Janeiro de 2007.

A estudiosa de questões culturais de nosso país Lea Perez nos diz que é impossível ser apenas expectador de uma festa. Implica participação, fazer parte dos momentos, do festejar. Essa pesquisa surgiu da participação e da vontade de deixar de ser um expectador dos acontecimentos. E nas discussões em grupo juntamente com o professor Josué da Costa e de seus comentários, surgiu a idéia de trabalhar com os festejos religiosos de comunidades ribeirinhas, com suas crenças, com a devoção e com a religiosidade de um grupo social culturalmente diferente do mundo urbano no qual eu estava inserido.

As ciências sociais nas últimas décadas têm se dedicado ao estudo dos fenômenos culturais de grupos sociais, e a questão religiosa toma grande importância uma vez que o universo da religiosidade com seus santos, devoções, promessas e festejos são cada vez mais objetos de estudo de diversos trabalhos de pesquisa em várias áreas do conhecimento.

A dissertação aqui apresentada retrata uma destas questões, se debruça sobre os festejos religiosos de duas comunidades ribeirinhas do município de Porto Velho: São Carlos e Nazaré; comunidades próximas, mas com festejos e modos de festejar distintos e característicos.

O interesse pelos festejos religiosos que acontecem em comunidades ribeirinhas de Porto Velho iniciou ainda na graduação, e o trabalho de pesquisa com o tema religiosidade popular foi crescendo com o desenvolvimento de estudos e leituras e claro com a aproximação das comunidades e das populações ribeirinhas. Uma vez que o universo dos festejos religiosos não era estranho e já conhecido, pois nasci no Estado do Amazonas, e desde a tenra infância minha mãe levava a família para participar do festejo de Santo Antônio em Borba, onde parte da família reside até hoje, além de ter feito parte dos vários movimentos que existem na Igreja

para que os jovens participem: Catequese, Grupo de Jovens e Pastoral da Juventude. Alguns anos se passaram, e já em Rondônia estudando na Universidade Federal como acadêmico do curso de Geografia tenho a oportunidade de trabalhar num projeto de pesquisa com populações ribeirinhas, mais precisamente com os festejos que acontecem nas comunidades ao longo do rio Madeira.

Um grande desafio, mas uma forma excepcional de retornar a uma realidade já conhecida, de viajar de barco, de estar em contato com este grupo, de poder vivenciar de forma mais “participativa” de um festejo religioso e mais ainda, partilhar da fé deste grupo social e congregar dos momentos do festejar, fato que só tomei consciência com o andamento da pesquisa; pois essa fé e devoção do grupo são elementos fundamentais para o mundo religioso dessas comunidades.

Nossa participação nesses eventos religiosos se deu a partir do contato inicial com o professor Josué da Costa Silva que selecionava alunos para seu projeto de Iniciação Científica; passando por entrevista onde ele apenas ressaltou as dificuldades que seriam enfrentadas e os desafios que viriam, mas estava disposto a conhecer e assim, aceitei participar do projeto que ele me descrevia de forma detalhada. Inicialmente a pesquisa se pautaria no estudo da cultura do grupo ribeirinho, com leituras básicas sobre o tema e viagens às comunidades; viagens essas ligadas ao Projeto Beradão que estava sob a coordenação do mesmo.

Essa pesquisa estava fazendo parte do Projeto Beradão – Projeto Integrado de Pesquisa e Extensão para o Desenvolvimento Sustentável de Populações Tradicionais da Amazônia, que visava através de uma ação integrada entre pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, desenvolver ações de pesquisa e extensão com populações ribeirinhas do rio Madeira. O Projeto Beradão procurou através de vários projetos de pesquisa analisar aspectos como dados da população, patrimônio cultural; produção agrícola, atividades produtivas e econômicas das

comunidades, aspectos da saúde local, da organização social e da educação. O Projeto Beradão iniciou suas atividades nas comunidades que compõem o Distrito de Nazaré promovendo ações de pesquisa e extensão através de ações conjuntas de professores e acadêmicos.

Dessa forma, ingressei no Programa de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq como bolsista do professor Josué e pesquisador-bolsista do Projeto Beradão. O primeiro projeto com o título “*Organização e Auto-Sustentabilidade em Populações Tradicionais da Bacia do Rio Madeira: A Cultura em Populações Tradicionais Ribeirinhas (2000)*” foi o trabalho que iniciou a caminhada no estudo sobre as festas religiosas, sendo desenvolvido na comunidade de São Carlos, analisando o festejo de Nossa Senhora Aparecida. As apresentações nos seminários de avaliação já mostravam que abordar a cultura de grupos sociais é um trabalho complexo e visto com ressalvas, a pesquisa foi alvo de embate e de grandes questionamentos. Um dos principais era: “O que um estudante de geografia fazia estudando as festas religiosas?” Em princípio, fazer a análise sob o prisma da geografia parecia um ponto distante a ser alcançado; mas mesmo assim, fechamos o primeiro ano da pesquisa e renovamos para um segundo ano de bolsa.

O projeto seguinte se intitulava “*Simbolismo e Cultura em Populações Tradicionais: O Estudo da Organização Social e as Festas Religiosas (2001)*”, este sendo desenvolvido na comunidade de Nazaré estudando os festejos lá realizados. A partir deste projeto já tínhamos a noção que podíamos muito bem fazer a ponte entre a geografia e os festejos. As leituras e as análises já apresentavam a percepção sobre o espaço e as mudanças que o evento religioso é capaz de imprimir no espaço da comunidade; até mesmo qualificando novos espaços dentro

da espacialidade¹ vivida pelos moradores. Mais uma vez tivemos seminários de apresentação com intensos debates e questionamentos; dessa vez tínhamos elementos para o debate mostrando a força que as festas religiosas possuem dentro do universo ribeirinho, fato que qualificou o projeto para o seu terceiro e derradeiro ano de bolsa de pesquisa.

O terceiro ano da pesquisa objetivou analisar as mudanças espaciais que ocorrem nas comunidades com a realização dos festejos, para tanto o projeto “*Estudo do Processo de Recriação do Espaço Ribeirinho através das Festas Religiosas (2002)*” foi o trabalho desenvolvido para finalizar a participação no Programa de Iniciação Científica/PIBIC. A partir da análise de uma promessa que culmina com criação de um novo espaço comunidade de Nazaré, a pesquisa se pautou em compreender como a realização de um festejo foi capaz de promover uma mudança tal numa comunidade que um novo bairro foi criado; qualificando e modificando a forma de se organizar no espaço que a comunidade possuía e a forma de percebê-lo enquanto espaço social.

Foi nesse momento que me dei conta – tomo a liberdade de usar a primeira pessoa do singular – da força que uma pesquisa como essa possui; pois entender a capacidade que esse grupo social tem de imprimir no espaço suas crenças e devoções; e a partir daí reorganizar o lugar onde vivem modificando a paisagem e o modo de vida de uma comunidade; percebemos a riqueza de um trabalho que pode colaborar na compreensão de um grupo que historicamente esteve “a margem” dos planos de desenvolvimento e das políticas voltadas para o exercício da cidadania.

¹ A noção *espacialidade* traz consigo a idéia de processo em permanente movimento, ou seja, não se trata do espaço posto da comunidade no sentido visível, e sim do espaço palco das relações sociais que são inerentes aos grupos sociais (SANTOS, 2006). Tema discutido no artigo intitulado: “A espacialidade das festas religiosas em comunidade ribeirinhas de Porto Velho – Rondônia”, de Adriano Lopes Saraiva e Josué da Costa Silva; publicado na Revista de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso Sul – Junho de 2003.

Nesse momento já acumulava um bom acervo de informações, de trabalhos lidos e uma bibliografia acerca do tema festas religiosas. E claro, meu interesse pelo tema só havia aumentado, uma vez que bibliografia específica sobre o tema “festas religiosas” em nossa região nos deixa com uma lacuna nesse sentido considerável, os trabalhos que tive acesso até então tratavam de eventos de âmbito nacional ou mesmo de outros aspectos que não ligados aos festejos ou mais ligados ao universo de crenças dos indígenas amazônidas. Trabalhos no âmbito da geografia ou buscando compreender as questões voltadas à espacialidade dos festejos não haviam sido feitos; mesmo porque a tradição de estudos nesse aspecto em nossa região ainda está por se consolidar. Assim, o desenvolvimento do estudo se daria através do ingresso num programa de pós-graduação e dentro do grupo de estudo que havia se consolidado durante o período dos projetos de iniciação científica².

Mas o que fazer se na UNIR não havia até então um programa de mestrado em geografia? Buscar outras possibilidades ou esperar pela abertura de um outro programa que pudesse servir como base para a continuidade do estudo?

A resposta veio logo em seguida, pois foi assim, que a Universidade Federal de Rondônia lança o Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente; um programa multidisciplinar voltado às questões de nossa região. Ali surgia a oportunidade de ingressar num programa *Strictu Sensu* e poder desenvolver o tema que tanto me fascina. Mas para estar nesse programa teria que antes de tudo trazer o tema de minha pesquisa para dentro do objetivo do programa. Dessa forma, levei para a seleção do programa o projeto de pesquisa pautado na análise dos festejos religiosos das comunidades de São Carlos e Nazaré; inicialmente uma proposta que buscava a compreensão da relação entre os festejos

² GEP Cultura e Modo de Vida Amazônica – Coordenado pelo prof. Josué da Costa Silva que objetiva através de estudos e pesquisas promover o debate em torno da cultura e do modo de vida das populações ribeirinhas da Amazônia através das diversas expressões de cultura, de suas crenças e devoções.

e o ambiente onde estes festejos aconteciam; a partir daí como o grupo se organizava e estabelecia suas estratégias de inserção no espaço e nas questões referentes à ecologia humana.

O projeto foi aprovado e o retorno aos estudos novamente deram novo impulso à pesquisa sobre os festejos religiosos. No decorrer no curso, o contato com as disciplinas e os momentos de debate com os professores e colegas, o projeto acabou por ganhar novos contornos; de se voltar para novos olhares, outros campos de análise, não abandonando o tema central; mas trazendo outra abordagem e delimitação do objeto de estudo. Buscamos nos deter na análise do festejo religioso como um dos componentes principais da religiosidade do grupo, uma religiosidade expressa através da devoção aos santos do catolicismo oficial; já que esta devoção ganha contornos próprios, uma vez que o ribeirinho deposita nesse evento toda a carga histórica e cultural que lhe é própria, fruto do processo de formação e ocupação do espaço ribeirinho de Porto Velho. Dessa forma, a religiosidade e o caráter festivo inerente ao festejo tornaram-se o foco do trabalho de pesquisa, trazido à tona por intermédio de trabalhos que foram analisados nas disciplinas do curso de mestrado³.

Mesmo porque em muitos momentos, acabamos por notar que uma proposta voltada ao universo da cultura e modo de vida de um grupo social como os ribeirinhos, uma abordagem humanística de pesquisa acabou por receber “olhares estranhos” dentro do programa, tanto por parte de alguns professores como por colegas do curso. A defesa para um trabalho como este repousa num desejo pessoal de realizá-lo, já que a motivação para cursar um programa de mestrado é

³ Na disciplina Populações Tradicionais e Desenvolvimento Regional, a obra *Comunidade e democracia* de Robert D. Putnam. Na disciplina Antropologia Social, a obra *Festa no Pedaco, Cultura Popular e Lazer na Cidade*, de Josué Guilherme Cantor Magnani, *A sociedade Primitiva* de Lewis Morgan, *O nascimento da Antropologia cultural: a obra de Franz Boas* de Margarida Maria Moura; e *Cultura e Razão Prática* de Marshall Sahlins.

sempre pessoal, e só é expresso e legitimado pela aproximação com os teóricos e com o próprio objeto em si. Outro aspecto, é que os temas voltados à cultura e religiosidades das populações têm ganho expressivo volume de pesquisas e trabalhos; mas ainda em Rondônia estas pesquisas ainda se encontram no início. Dessa forma, a pesquisa sobre o universo da religiosidade popular utilizando os festejos religiosos como fator de análise e o festejar que está implícito nesse momento nos possibilitam um campo de estudo bastante rico e capaz de produzir excelentes trabalhos sobre o tema. Vindo a colaborar de forma significativa para a compreensão de um grupo que mesmo estando dentro da cidade de Porto Velho, encontra-se em “distanciamento” no que se refere ao atendimento de suas necessidades básicas de saúde e educação, e também de suporte religioso; pois a região ribeirinha não conta com sacerdotes que residam nessas comunidades; a presença de um sacerdote se dá nos momentos dos festejos; o que representa para homens e mulheres que moram nessa região a oportunidade de poder ter acesso aos ritos e sacramentos da Igreja Católica, costume guardado com respeito e devoção por essa população.

Escolher desenvolver esse trabalho na região ribeirinha de Porto Velho é, antes de qualquer motivo, uma escolha pessoal. Porque em vários momentos em que fui a essas comunidades fui recebido bem por seus moradores, tive muitas das perguntas que fazia respondidas e lá conquistei não apenas colaboradores, mas sim amigos que quando se encontram na “cidade” param para se falar e saber um do outro.

Uma escolha que envolve coragem e determinação, pois sair da tranquilidade do lar e do conforto da biblioteca refrigerada para o universo campal de uma comunidade ribeirinha, pode num primeiro momento ser um obstáculo difícil de ser transposto por alguns. Para aquele que chega num primeiro momento o

encantamento com a paisagem e com a tranquilidade que essas comunidades apresentam é o primeiro impacto, pelo movimento tranqüilo do rio Madeira. Realidade distante nos momentos festivos, onde esta tranquilidade se transforma em euforia, em movimento, em encontros, no barranco cheio de embarcações, em visitas de parentes, no trabalho para o festejar e para o festejo, na preocupação em tornar a comunidade mais bonita aos olhos do santo padroeiro e dos visitantes que lá chegam.

Acabamos sendo “envolvidos” por aquele sentimento que está ali; que não pode ser captado por uma foto ou registrado por um gravador; são percebidos e sentidos em olhares de homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos; que entoam cânticos, que seguram velas e rezam de olhos fechados como se estivessem em sintonia com o próprio santo; num processo de devoção tão espontâneo que só é visto em romarias dos festejos mais tradicionais do nordeste brasileiro.

Mas isso está acontecendo ali mesmo, estamos no meio dessa gente, entoando os cânticos, prestando atenção dos gestos, nos atos, nas palavras de devoção. São pessoas simples, mas de uma crença tão forte capaz de mostrar para o visitante mais distraído que aquele evento ali não é apenas um festejo, mas sim a expressão viva e clara da relação que o ribeirinho possui com o divino, com o sagrado e com o universo de crenças e devoção advindo de sua herança histórica e cultural.

Não poderia em momento algum ver esse evento como apenas uma festa, uma reunião da comunidade, uma oportunidade de diversão e lazer. Primeiro por respeito ao grupo e em segundo porque o festejo nos mostra dentro de sua estrutura a forma que a comunidade concebe e organiza sua vida, nos apresentando a intrincada relação existente entre a Igreja local e os moradores, entre o religioso e o

político, acabando por se tornar o palco onde os interesses dos grupos ali existentes estão se apresentando, ora mediados pelo sagrado ora por momentos festivos.

Portanto, os festejos religiosos se qualificam como um excelente aspecto para se analisar o grupo social ribeirinho, nos mostrando aqui e acolá as pistas para o entendimento de um modo de vida voltado para os elementos do catolicismo oficial, mas “vestido” com uma roupagem dada pelo ribeirinho rica de elementos históricos e regionais; uma festa de origem européia trazida pelos colonizadores portugueses, mas com a cor do nordestino que veio para a Batalha da Borracha e com o ziguezague do indígena que habita a região antes dos primórdios da ocupação religiosa feita pelos jesuítas.

Visando alcançar esse propósito, essa dissertação está estruturada em quatro capítulos, antecidos por uma introdução e sendo finalizado por uma busca de situar a questão dentro da problemática do estudo, recapitulando e destacando os pontos que foram desenvolvidos nos capítulos; que não se caracteriza por uma conclusão, mas sim, por uma reflexão que envolve o eixo central do Programa: o desenvolvimento regional, e a religiosidade popular de comunidades ribeirinhas, buscando desta forma pontos para proposição e de questionamentos para futuros estudos.

O primeiro capítulo apresenta a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Mostrando os momentos que foram necessários para o conhecimento, a participação nos festejos e de observação das comunidades e do modo de vida dos ribeirinhos que moram ao longo do rio Madeira. Este capítulo se pauta pela apresentação das comunidades onde o estudo foi desenvolvido, bem como os dois festejos que foram analisados e o trabalho desenvolvido. O segundo capítulo traz a questão teórica do tema festejos religiosos e religiosidade popular, buscando ampliar

o debate sobre os conceitos que utilizados para o estudo das festas religiosas, apresentando com maior detalhe os festejos das comunidades de São Carlos e Nazaré. O terceiro capítulo discute o catolicismo e a religiosidade popular no âmbito das comunidades ribeirinhas, buscando trazer para o debate da pesquisa as crenças nos santos padroeiros, no sagrado e no profano; quais são suas características, modos de viver esses momentos; ampliando o debate para a religiosidade popular que está se formando nestas comunidades, buscando compreender também as mudanças que os festejos operam na espacialidade das comunidades. O quarto capítulo apresenta o festejar em imagens. Trazemos para o texto uma parte do festejo, de seus momentos, buscando descrever os sentidos do festejar, afim de, enriquecer o trabalho aqui apresentado. Para finalizar, trazemos as considerações do trabalho, buscando estabelecer dialogo entre o desenvolvimento regional e a religiosidade popular, questionando se entre esses dois elementos há a possibilidade de uma possível relação.

CAPÍTULO 1

METODOLOGIA E PARTICIPAÇÃO NOS FESTEJOS RELIGIOSOS: DESAFIOS E APRENDIZAGENS



FIGURA 2 – Antiga Igreja de São Pedro na comunidade de Nazaré, construção de madeira que foi substituída por uma igreja de alvenaria.
Fonte: SILVA, Josué da Costa, Outubro de 2004.

O sino da Igreja toca avisando a comunidade que a missa já vai iniciar... “Já vai começar o festejo?” Pergunta um visitante a uma senhora que com passos firmes se dirige a igreja. Ela responde: - *Sim, senhor vai começar! É o festejo de Nossa Senhora de Nazaré...* (moradora da comunidade de Nazaré, 2004)

METODOLOGIA E PARTICIPAÇÃO NOS FESTEJOS RELIGIOSOS: DESAFIOS E APRENDIZAGENS

“A festa é o espaço da novidade, do encantamento, da alucinação.” Leá Perez, 2002, p. 48

Acompanhar o acontecer de um festejo religioso é uma experiência bastante rica para quem se dedica ao estudo deste evento e também; exige escolhas metodológicas para garantirem o rigor científico da pesquisa. Exige também em muitos momentos espírito aventureiro e claro, uma boa dose de coragem; já que ir a um festejo ribeirinho não é apenas pagar uma passagem e chegar lá; mas sim momentos de viagem, de espera e de expectativa de como vamos encontrar a comunidade e de que forma seremos recebidos. A literatura nos apresenta trabalhos clássicos sobre eventos da cultura de grupos sociais e nos mostra que a melhor forma de entendê-los é estar onde eles acontecem, é participar e fazer parte dele.

A delimitação geográfica do presente estudo está localizada na região ribeirinha de Porto Velho ao longo do rio Madeira, Estado de Rondônia; nas comunidades de São Carlos e Nazaré; tendo os festejos religiosos dessas comunidades como alvos da pesquisa. O Festejo de Nossa Senhora Aparecida, o Festejo de São Sebastião e o Festejo de Nossa Senhora de Nazaré; respectivamente como objetos da pesquisa aqui apresentada.

Fato que nos coloca na situação de viajante dentro de nossa própria cidade, pois para chegar a São Carlos e Nazaré é necessário embarcar num barco recreio⁴, armar a rede e aguardar no balanço do rio a chegada na comunidade, o que pode variar conforme a potencia do barco e o período do ano uma viagem em torno de seis horas de ida, e de oito a dez horas de volta.

Por isso o trabalho aqui apresentado tem por característica ser uma pesquisa básica, pois busca gerar conhecimentos novos acerca do evento investigado, visando a compreensão dos festejos religiosos; ao mesmo tempo em que faz uma abordagem qualitativa do fenômeno, buscando a relação entre a problemática do estudo e os festejos religiosos. Dessa forma, o ambiente onde as festas acontecem são a fonte direta de coleta de dados e os sujeitos que fazem parte da festa são elementos chaves para o entendimento do festejar e dos rituais que são característicos das festas de santo ribeirinhas (GIL, 1991).

O objetivo central do estudo buscou analisar os festejos religiosos e a relação que estes eventos possuem na formação da religiosidade popular das comunidades alvos do estudo; utilizando para tanto elementos como a devoção, a fé e os momentos do festejar inerentes a cada uma das festas religiosas, aspectos que vão colaborar para responder o entendimento do objeto de estudo e responderão ao questionamento do trabalho em questão.

Visto isto, a problemática da pesquisa se fundamenta na relação entre a religiosidade popular existente no grupo e os momentos do festejar que fazem parte dos festejos; pois as festas religiosas são eventos de grande magnitude para estas comunidades; sendo fruto de sua herança cultural e histórica. São eventos que caracterizam a forte religiosidade dos moradores dessas comunidades; uma vez que

⁴ É um barco, que independente do tamanho e capacidade de carga, possui a função de transportar os ribeirinhos, os viajantes e as mercadorias, este nome foi dado pelos moradores das regiões ribeirinhas da Amazônia para os barcos que fazem o trabalho de transporte de passageiros e cargas.

estes momentos são expressos na forma de novenas, missas, procissões terrestres e fluviais, torneios de futebol e bailes dançantes. Os festejos representam a relação que o ribeirinho possui com o sagrado, com sua fé e devoção nos santos católicos. Portanto; o questionamento central desta investigação busca compreender se o festejar e a religiosidade popular do ribeirinho se constituem em respostas simbólicas e religiosas às mudanças produzidas pelos novos valores sociais, frutos do crescimento econômico, de novas práticas, valores sociais e a inserção do grupo nos grandes projetos de desenvolvimento planejados para a região ribeirinha de Porto Velho.

Para responder ao questionamento da pesquisa se fez necessário: participar dos festejos religiosos nas comunidades; realizar levantamentos documentais e bibliográficos; definir os instrumentos de coleta de dados; classificar e ordenar os dados. Mas além desses momentos, é necessário também deixar claro alguns conceitos, ou seja, precisamos ter em mente que quando falamos de festejo ou de festas religiosas, a que conceitos nos reportamos para podermos responder ao questionamento da pesquisa; portanto, torna-se fundamental um momento de definição de conceitos para que esteja de forma objetiva o que pretendemos analisar.

Ao conceituarmos a religiosidade popular existente no grupo e a realização dos festejos, tomamos como base os estudos de Thales de Azevedo sobre o catolicismo (1966), pois o mesmo teve por mérito tipificar o catolicismo, organizando-o em quatro grandes categorias, que são: a) Formal; b) Tradicional; c) Cultural; e d) Popular; e se dedicou a descrever e analisar o catolicismo popular em toda a sua extensão; pois “[...] essa religiosidade relaciona-se mais com a estrutura da comunidade local do que com a sociedade nacional e é relativamente independente da Igreja formal. Também é certo que, muitas vezes, o culto do santo da devoção do

indivíduo é mais importante do que o do padroeiro da comunidade.” (AZEVEDO, 1966, p. 184). Por esse motivo a escolha de Azevedo (1966); uma vez que a o cenário da religião observada nas comunidades ribeirinhas está distante do catolicismo oficial, pois não há presença do sacerdote; apenas em momentos pontuais, como no caso das festas; e é uma religião cercada da presença de santos padroeiros e de uma forte devoção popular aos mesmos. Portanto; o catolicismo popular de Azevedo (1966) se assemelha com a religiosidade popular observada nas comunidades ribeirinhas e tem em sua definição a capacidade de dar subsídios para o presente estudo.

Dessa forma, a organização realizada por Azevedo (1966) divide os católicos da seguinte maneira: os católicos formais, ou seja, aquelas que praticam o catolicismo; os católicos tradicionais: aqueles que se dizem católicos, mas não praticam nem conhecem o essencial do catolicismo oficial; os católicos culturais: aceitam elementos do catolicismo não pelo seu valor religioso, mas como parte da cultura em vigor e, finalmente, os católicos populares, vinculados às comunidades das zonas rurais tradicionais.

Azevedo (1966) caracteriza o catolicismo popular a partir da sua natureza privada. As práticas religiosas se restringiriam às relações diretas entre eu e o santo de minha devoção ou de devoção da comunidade, ou eu e Deus. Um catolicismo povoado pela devoção marcado por momentos de festejar em prol do santo, através de novenas e promessas. O santo comportaria uma noção abrangente, pois seriam tanto os santos canonizados como também todos os mortos que alçaram a essa categoria devido à sua vida; ou mesmo os santos de devoção da família mais tradicional da comunidade.

É necessário também, conceituar o *festejo religioso*; a *feira* e as *festas de santo*. Sabemos que num trabalho como este, utilizar o tema das festas religiosas, vamos em muitos momentos utilizar o mesmo termo no decorrer do texto, o que acabaria por ficar redundante; dessa forma necessitamos de termos sinônimos. Para tanto, o termo *feira* nas palavras de Itani se define como “[...] uma ação de simbolização, na qual é representado um evento ou uma figura revestida de importância para a coletividade festeira (ITANI, 2003, p. 13)”; ou seja, a *feira* representa uma comemoração que pode ter vários sentidos e significados, o que vai lhe conferir esses sentidos e significados é o contexto no qual ela está sendo realizada; esse termo pode ser utilizado para qualificar vários eventos, desde um religioso a um evento político.

Nesse momento cabem alguns detalhes das festas que acontecem em algumas regiões ribeirinhas da Amazônia, já que não apenas acontecem festas de cunho religioso, há um grande número de comemorações em torno da produção agrícola das comunidades ribeirinhas, em torno dos eventos da cultura local como danças e folguedos, e em torno de suas atividades produtivas como a pesca e o turismo.

As festas em comemoração aos produtos da época vêm ganhando grande força no âmbito das comunidades ribeirinhas em virtude da repercussão econômica que estes eventos possuem. O exemplo, disso é a Festa da Melancia no município de Lábrea no Estado do Amazonas que chega a levar um público de cinco mil pessoas; a Festa do Mamão no município de Iranduba também no Amazonas que tem um público estimado em dez mil participantes, outro evento desta natureza é a Festa do Cupuaçu que acontece em Presidente Figueiredo, Amazonas; uma festa

que além de mostrar a grande produção do município tem por característica assumir o posto política da patente da fruta do cupuaçu pelo governo brasileiro⁵.

Outra festa que vêm crescendo no âmbito das comunidades ribeirinhas é o aproveitamento das áreas dos rios que durante o período de seca aparecem grandes porções de areia que se transformam em praias, em Porto Velho temos o Festival de Praia de Fortaleza do Abunã que todos os anos no mês de setembro levam milhares de pessoas tanto de Porto Velho como do Estado do Acre, devido à proximidade do Distrito com o Estado vizinho, para a comunidade de Fortaleza do Abunã.

Não podemos deixar de falar de outras manifestações da cultura local das comunidades como é o caso de festivais da canção e de dança. Um dos mais famosos festivais da canção acontece no município de Itacoatiara, Estado do Amazonas. O Festival da Canção de Itacoatiara – FECANI tem todos os anos mostrado para o público da região e do restante do país grande intérpretes e compositores da região amazônica; tendo grandes disputas entre seus participantes trazendo para o município um público em torno de trinta mil pessoas. Outra manifestação da cultura amazônica acontece no município de Manacapuru com o Festival da Ciranda de Manacapuru, Estado do Amazonas, que acontece no mês de agosto entre três grupos que disputam em suas apresentações o primeiro lugar; mostrando assim a hibridação entre os elementos indígenas e os advindos da cultura do colonizador português.

Os festivais de pesca são eventos que se caracterizam por ser uma competição entre equipes que objetivam capturar o peixe maior e mais pesado; trazem para a comunidade grande número de participantes e de pessoas que visam

⁵ Confederação Nacional dos Municípios, dados disponíveis <http://www.nm.org.br>, acessado em 30 de maio de 2007.

sair de sua rotina para desfrutar de momentos de lazer. Um dos mais famosos festivais de pesca em Porto Velho, é da Cachoeira de Teotônio, que todos os anos no mês de setembro levam centenas de pessoas à comunidade de Teotônio em busca de pescar o maior peixe; o que reflete para o morador local um grande fluxo de movimento econômico, advindo da prática da pesca esportiva, bem como nos demais serviços que a comunidade oferece ao visitante que para lá se dirige nos dias do festival.

Por outro lado, as festas de santo surgem como fenômenos sociais que transportam para as festas a figura do santo padroeiro, que trazem a devoção às imagens; que nas palavras de Figueiredo (1999) descortina o imaginário do morador das comunidades a partir das representações do cotidiano para os momentos festivos distantes da formalidade do dia-a-dia vivenciado por cada um. Nas comunidades ribeirinhas de Porto Velho; as “festas de santo” assumem o papel de “festejos religiosos”; uma vez que este termo está no discurso do ribeirinho, está na tradição oral presente nas conversas e no modo de vida dessas populações; ou seja; este termo é bem próprio para chamar as festas de cunho religioso que tem na figura do santo padroeiro seu elemento principal. Assim, ao utilizarmos *festas de santo* ou *festejos religiosos* estamos nos referindo ao mesmo evento; usamos um ou outro no sentido de melhorar nossa escrita no decorrer do texto.

1.1 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

1.1.1 São Carlos

A comunidade de São Carlos está localizada ao norte do Estado de Rondônia, à margem esquerda do rio Madeira, em frente à foz do rio Jamari a uma distância de aproximadamente 100 km de Porto Velho. Sendo sede do Distrito⁶ com o mesmo nome concentra os serviços de infra-estrutura básicos para o atendimento da população, tais como escola, posto de saúde, posto policial, comércio, lazer, telefones públicos, geração e distribuição de energia elétrica, estação de água e a sede administrativa do distrito. Atualmente, o Distrito de São Carlos possui uma população de aproximadamente 1.754 habitantes segundo dados do Censo IBGE 2000.

O acesso a São Carlos se dá por meio fluvial; utilizando barcos tipo “recreio”; que são embarcações maiores que levam passageiros e cargas do Porto do Cai N’água⁷ para as comunidades ao longo do rio Madeira; o percurso leva em torno de 06 (seis) horas de ida, e o dobro de horas no retorno a Porto Velho. Outro meio de acesso se dá na utilização de “voadeiras”; que são embarcações menores tipo cascos de alumínio de 6 a 8 metros de comprimento que dependendo do motor (geralmente de 15 HP ou de 40 HP) que possuem pode levar

⁶ Distrito: são divisões de cunho político-administrativa que o município estabelece visando garantir sua governança, tendo na figura de um administrador local a personificação do poder público no que concerne a garantia do exercício de administração das comunidades que compõem o distrito.

⁷ O Porto do Cai n’Água é o local onde as embarcações que fazem o trajeto até as comunidades de São Carlos, Nazaré, Calama no Estado de Rondônia, e Humaitá, Manicoré e Manaus no Estado do Amazonas, saem e chegam trazendo passageiros e cargas. Chamar o Cai n’Água de porto pode num primeiro nos remeter aos portos que são conhecidos e que existem nas cidades que possuem o rio como um dos meios de transporte de sua população; o que não é a realidade de Porto Velho, uma vez que o que chamamos de porto, não passa da beira da rio sem estrutura alguma para o atracamento das embarcações e do trânsito de passageiros e cargas, é uma local precário, sem infra-estrutura suficiente para dar conta do fluxo do transporte que tem como destino Porto Velho ou as demais comunidades da região ribeirinha do rio Madeira.

em torno de 03 (três) horas para chegada ao destino; e levam este nome devido a velocidade que podem adquirir durante a viagem. Os valores das passagens nos barcos recreio estão em torno de R\$ 20 reais por pessoa e de R\$1,00 a 5,00 reais por volume.

A estrutura de organização política administrativa do Distrito de São Carlos conta uma sede administrativa que tem o papel de sub-prefeitura, cujo o administrador é escolhido pelo prefeito de Porto Velho. Na Vila de São Carlos, sede do Distrito, a SEMED oferta o ensino fundamental, médio e a Educação de Jovens e Adultos para os alunos do distrito na Escola Henrique Dias; a SEMUSA se faz presente através dos serviços de saúde no Porto de atendimento da comunidade; além da Secretaria de Segurança Pública e Secretaria de Estado da Educação. No que se refere às questões ambientais há a sede do Instituto Brasileiro de Recursos Renováveis – IBAMA; a Fundação Nacional de Saúde no controle e combate a malária; e das Centrais Elétricas de Rondônia – CERON. A comunidade também possui suas formas de organização, tais com o Conselho Escolar da Escola Henrique Dias, a Associação dos Moradores de São Carlos, a Igreja Católica Nossa Senhora Aparecida, a Igreja Adventista, a Igreja Assembléia de Deus e a Igreja Luz do Calvário.

O tamanho dos lotes na área considerada urbana da Vila de São Carlos, varia de 480 m² e 600 m², sendo que os maiores lotes são oriundos dos antigos moradores que vêm do período dos antigos seringais⁸. Na área rural do distrito onde se concentram as atividades agrícolas, a pecuária e o extrativismo os lotes são maiores. Quanto a questão da regularização fundiária dos lotes, a grande maioria não possui documento de posse; na Vila de São Carlos a ocupação do espaço é controlada pela Administração que autoriza ou não o avanço de novas moradias na

⁸ Dados do Diagnóstico Socioeconômico dos Distritos de Jaci-Paraná, São Carlos e Comunidade de Cujubim Grande, 2006. Elaborado pelo Núcleo do Programa Ensinar a Ensinar na Amazônia.

comunidade. As residências na comunidade de São Carlos são construídas em sua grande maioria em madeira, mas há também muitas casas construídas em alvenaria; estando localizadas as margens do rio Madeira, seguidas de fileiras de casas uma após a outra, sendo interligadas por calçadas pavimentadas e sinalizadas com o nome das ruas. A primeira fileira de casas está na rua em frente ao rio, onde estão os comércios, os bares, os salões de festa, a pousada e algumas residências. Logo em seguida, estão algumas das casas, a escola, o posto de saúde, a igreja católica, a sede administrativa, a delegacia e alguns comércios. Na terceira rua temos a grande maioria das residências, o ginásio de esportes, a estação de tratamento de água, a Igreja Adventista e a Igreja Assembléia de Deus. Na área que faz fundo da comunidade estão mais residências e as demais igrejas evangélicas da comunidade.

1.1.2 O Festejo de Nossa Senhora Aparecida

O festejo de Nossa Senhora da Conceição Aparecida tem em seu surgimento muito da história da comunidade de São Carlos. A colonização da área onde está localizado São Carlos se deu no século XIX, por intermédio do primeiro ciclo da borracha, com a chegada dos nordestinos para a exploração do látex das seringueiras. Área de São Carlos da Foz do Jamari como era conhecida nas décadas de 30 e 40, foi de propriedade de um cearense chamado Rodolfo Guimarães que ali construiu uma usina de cana de açúcar. O surgimento do festejo em devoção a Nossa Senhora se deu em função de uma promessa de Rodolfo Guimarães a santa pedindo pela saúde de seu filho; tendo sua graça alcançada; ele mandou construir a igreja para a santa. A construção da igreja mostra muito da história do lugar, pois era o período dos anos 30, fase áurea da borracha; isso

permitiu que o material utilizando na igreja fosse trazido de vários locais, e transportados à comunidade através dos antigos batelões⁹ que faziam o transporte das cargas e encomendas nessa época. A construção iniciou em 1937 e foi em forma de mutirão, todos os moradores trabalhavam na igreja, os funcionários do sr. Rodolfo Guimarães trabalham na igreja aos sábados e até as crianças ajudam; os depoimentos dão conta que todo esse trabalho foi feito sem haver pagamento, todos trabalharam em função de uma devoção e em honra a imagem da santa padroeira.

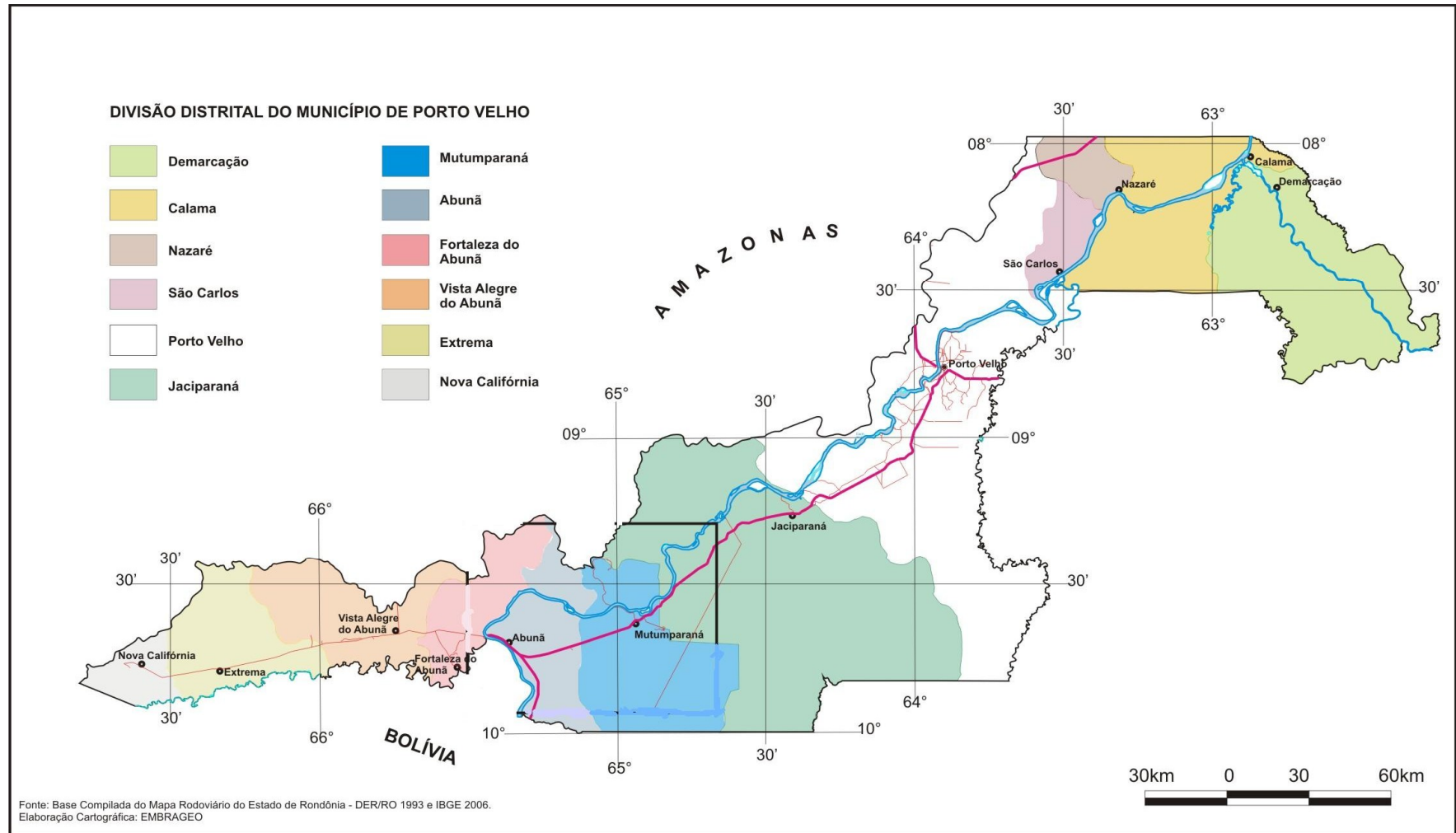
Assim, que a igreja ficou pronta foi realizada a primeira missa com a presença do padre que a partir daquele momento passou a residir na comunidade, podendo dessa forma atender a todos que viessem a ele. Por intermédio de depoimentos descobrimos que a data do Festejo de Nossa Senhora inicialmente era comemorada no período de 29 de agosto a 30 de setembro, um período de intensas atividades na comunidade que tinha no dia 8 de setembro um dos dias principais; no entanto essa data atrapalhava a presença de autoridades na comunidade, já que era logo após o Dia da Pátria. Então por pedido do então governador da época Joaquim Araújo Lima, a data do festejo passou para o mês de outubro acompanhando as comemorações da padroeira nacional, passando assim, para o dia 12 de outubro. Tendo em sua realização o caráter conciliatório entre os momentos do catolicismo oficial e os momentos de festa e divertimento que são inerentes às comemorações de cunho religioso nas áreas rurais das cidades.

O festejo de Nossa Senhora Aparecida congrega todos os grupos da esfera administrativa da comunidade, a organização da festa é planejada para que cada um dos segmentos fique responsável pelas noites da festa. A programação do festejo contempla os momentos de devoção e fé, como os momentos de divertimento e

⁹ São embarcações robustas, construídas em madeira ou em aço com fundo chato, empregados para transporte, comércio, embarque e desembarque de mercadorias nos rios da Amazônia.

festa que fazem parte da vida da comunidade. Durante os nove dias que fazem parte da programação cada um dos segmentos tem a responsabilidade de assumir uma das noites ficando responsável por organizar a celebração, ornamentar a igreja, a Imagem da Santa e providenciar o brinde para o bingo ou leilão da noite. Os momentos do festejo estão definidos em dois pontos bem claros: os momentos de devoção e os momentos do divertimento. São dois pólos da festa de Nossa Senhora Aparecida; os momentos de devoção representam as novenas, as celebrações, a procissão, os sacramentos e o pagamento das promessas; no outro pólo estão os momentos do divertimento como o baile, o leilão e o torneio esportivo; que integram a programação oficial da festa e são tradição da comunidade de São Carlos.

MAPA 01 – Divisão Distrital do Município de Porto Velho – RO.



1.1.3 Nazaré

A vila de Nazaré é uma das dezesseis comunidades que integram o Distrito de mesmo nome. Nazaré está localizada na região do médio rio Madeira, a jusante do município de Porto Velho e a montante da vila de Calama, Estado de Rondônia. O Distrito de Nazaré está dividido pelas comunidades da margem direita do rio Madeira, como Bom Será, Nova Esperança, Santa Catarina, Conceição do Galera; e da margem esquerda pelas comunidades do Lago do Cuniã, Boa Vitória, Nazaré, Tira Fogo e Papagaios. A via de acesso se dá através do rio Madeira através dos barcos de linha ou “recreios”, ou através das voadeiras.

Com população de aproximadamente 350 habitantes¹⁰, seu contingente populacional é composto, em sua grande maioria por idosos e por indivíduos do sexo masculino. A população jovem, logo que conclui o quinto ano migra em busca de oportunidades e de trabalho na cidade. Os pais que possuem melhores condições econômicas mandam seus filhos estudarem em Porto Velho para darem continuidade na escola, situação que não é observada na grande maioria das famílias na vila. A escola da comunidade, Floriano Peixoto oferece apenas do primeiro ao quinto ano. Pequenos comércios que vendem de gêneros alimentícios a remédios, bares, posto de saúde e atendimento médico realizado pelo Programa Saúde da Família (PSF) – que presta serviços uma vez por mês aos moradores da vila e das comunidades que estão no seu entorno. A base da economia local está centrada na produção de farinha, agricultura familiar e na pesca; além do aproveitamento das áreas de várzea para o plantio da melancia e do feijão de praia.

¹⁰ Dados do diagnóstico realizado para o Plano de Desenvolvimento Sustentável do PDS Nazaré-Boa Vitória de 2002.

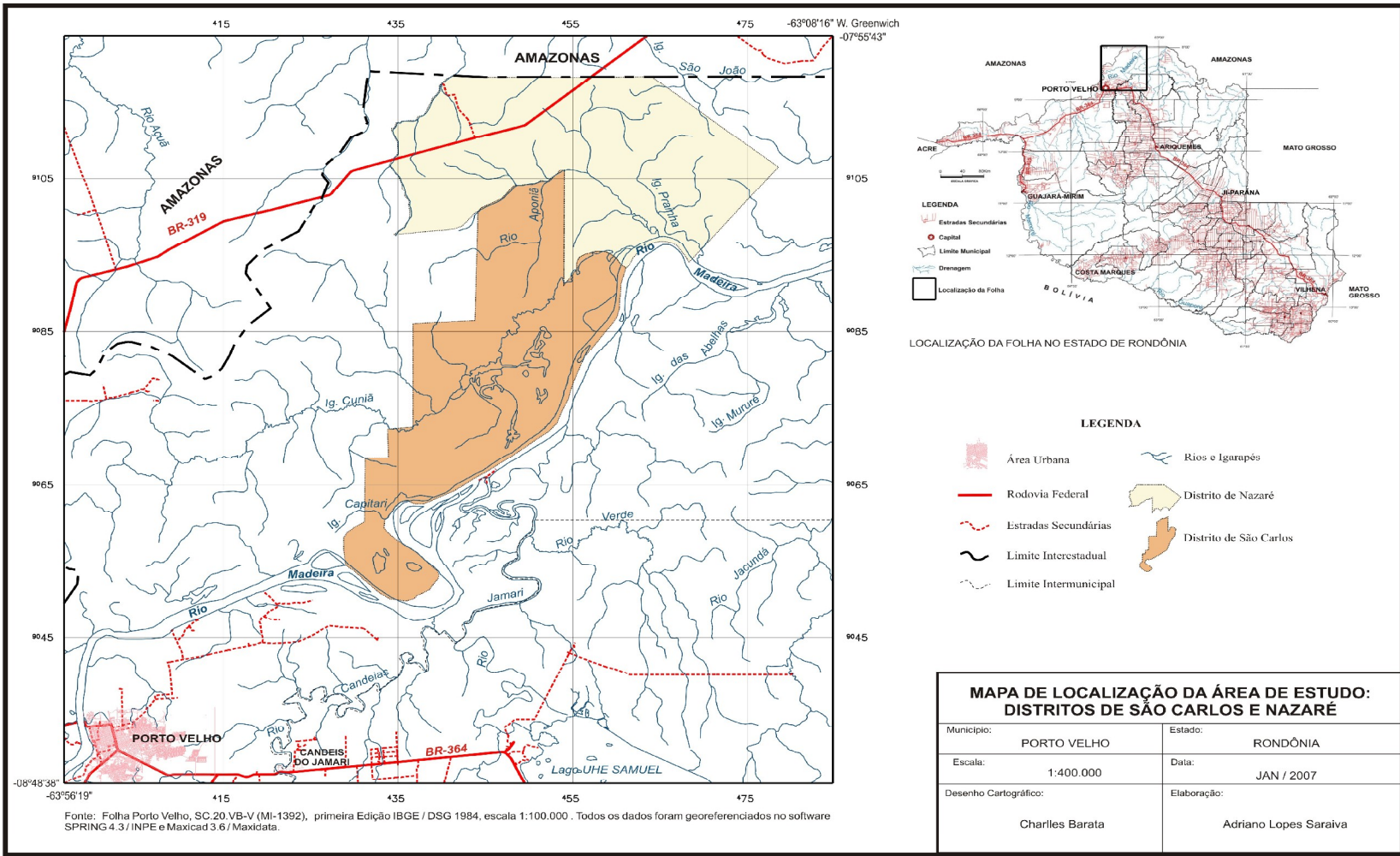
Essa área era, no passado, um seringal, e, com o declínio da produção do látex, os trabalhadores que ali residiam acabaram fixando residência e o local se transformou em vila. Há na comunidade duas igrejas católicas, a de São Pedro e a de São Sebastião, e uma igreja evangélica, a Assembléia de Deus. A maior parte da população se declara católica e as atividades principais do grupo são as missas e os cultos. A santa padroeira é Nossa Senhora de Nazaré, mas também se comemoram os dias de São Sebastião, São João e São Pedro.

A paisagem da comunidade Nazaré mudou bastante nos últimos cinco anos, após a implantação do Projeto de Desenvolvimento Sustentável Nazaré-Boa Vitória. A elaboração do Plano de Desenvolvimento surgiu da necessidade de se promover o desenvolvimento na comunidade, de acordo com as normas instituídas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e com a política de preservação ambiental que inseriu no entorno daquelas comunidades uma reserva ambiental de uso restrito como é o caso da Estação Ecológica Cuniã. Assim, as comunidades de Nazaré e Boa Vitória passam a ter situação diferenciada das demais, pois podem contar com as políticas para o campo, fomento para produção e demais programa que o INCRA dispõe para as áreas que estão sob sua responsabilidade.

Os moradores construíram novas casas, e a estrutura de moradia e saneamento extremamente melhorada em virtude desse projeto, as casas passaram a ter em sua estrutura banheiro, já que a construção segue um padrão exigido pelo financiador. A grande maioria das casas está localizada na rua em frente ao lago e ao rio; as outras ficam logo atrás, a também no novo bairro de São Sebastião. As construções que se destacam na paisagem são: o posto de saúde, a Igreja de São Pedro e Igreja de São Sebastião. Na comunidade de Nazaré não existem ruas no formato tradicional, há essencialmente caminhos sem pavimentação e sem qualquer

tratamento urbanístico. Um desses “caminhos” acompanha paralelamente a margem do rio Madeira, sendo as casas postas uma ao lado da outra. A outra “rua” inicia na margem do rio Madeira e vai em direção a mata, ligando a área antiga da vila o bairro de São Sebastião.

Mapa 2 – Localização da área de estudo: os Distritos de São Carlos e Nazaré.



1.1.4 O Festejo de São Sebastião

O festejo de São Sebastião iniciou a partir do pagamento de uma promessa feita ao santo por um morador da comunidade com papel social de destaque no aspecto religioso e educacional. O espírito de religiosidade é acentuado pelas atividades de preparação da igreja de São Sebastião, da divisão de tarefas entre homens e mulheres e dos produtos que são preparados durante todo o ano, como a galinha e o pato para o leilão. A preparação do espaço para a festa como a construção de barracas e a ornamentação da igreja, do barracão do baile, do som que vai animar a noite, bem como as bebidas e as comidas a serem vendidas são responsabilidade de uma comissão cujo caráter é familiar, característica clara deste evento, já que é uma festa organizada por uma das famílias da comunidade. No entanto, a celebração apresenta caráter conciliatório entre a família organizadora do Festejo e o restante da comunidade. Já que nesse momento desaparece a diferença que há entre o aspecto familiar do acontecimento, a festa assume espírito coletivo.

O festejo de São Sebastião comemorado nos dias 19 e 20 de maio, diferente do de Nossa Senhora de Nazaré, tem como ponto forte o aspecto religioso e a crença de uma família da localidade. Com a graça alcançada, a promessa foi de construir uma igreja em homenagem ao santo. É necessário explicar que as festividades do santo são no mês de maio pelo fato de que em janeiro a região ribeirinha se encontra no período de cheia do rio Madeira, período em que a comunidade está alagada, que o rio sobe invadindo as ruas e outros locais; em maio este período já está no fim e a estiagem (período da seca) se inicia trazendo às comunidades o tempo dos plantios e das festas.

Este festejo tem sua preparação iniciada com um mês de antecedência e a organização do trabalho para a festa não está dividida em grupos, e sim de forma familiar; pois a família do senhor Antônio¹¹, um dos professores mais antigos da comunidade exerce grande força, pois além de ter o respeito por ser um dos educadores da escola, ele também possui porções de terra onde alguns moradores da comunidade podem plantar desde que façam acordo de troca de trabalho e de produtos; pode-se trabalhar na terra, mas parte do que for produzido é do sr. Antônio.

As atividades que são definidas na reunião de planejamento do festejo são executadas e ficam sob a responsabilidade dos membros da família do sr. Antônio; cada um dos parentes sai da reunião com sua tarefa e o prazo que tem para realizar o que foi designado. E esse caráter familiar fica ainda mais claro na realização da festa no momento em que podemos observar pai e filho lado a lado trabalhando juntos para que a festa aconteça.

1.1.5 O Festejo de Nossa Senhora de Nazaré

A festa de Nossa Senhora de Nazaré é comemorada no dia 07 de Setembro, data que se funde o festejo religioso com as comemorações do dia da Pátria. O que nos permite observar momentos de organização e movimento da comunidade que são descritos tanto pela sua formalidade devido ao dia da Pátria, quanto pelo seu caráter informal. As atividades que fazem parte do festejo possuem dois pólos distintos; o Dia da Pátria com o desfile, hasteamento da Bandeira e o

¹¹ Nome fictício.

Hino Nacional; e o Festejo com as novenas, a procissão, os batizados, o leilão, o baile, o torneio de futebol e a missa campal.

No festejo o momento que vai sintetizar o Dia da Pátria e a Festa de Santo é a procissão e o desfile cívico, ambos possuem características parecidas; uma vez que ao mesmo tempo em que o santo padroeiro está no andor sendo carregado por membros da comunidade, ele está separado da população e dela recebe cânticos, pedidos e agradecimentos; no Desfile da Pátria o povo encontra-se ao redor e fazendo referência às autoridades ali presentes.

1.2 Trabalho de Campo

Estar na comunidade, participar do festejo, vivenciar mesmo que por alguns dias o cotidiano do ribeirinho é uma experiência valiosa para o trabalho. No ínterim da pesquisa os momentos na comunidade foram fundamentais para se aproximar dos festejos e da comunidade. Esta aproximação com a comunidade de São Carlos e Nazaré se deu por intermédio dos trabalhos anteriores já realizados no período da iniciação científica, o que em princípio veio a facilitar parte do trabalho.

A partir da definição de que a pesquisa se daria nas comunidades de São Carlos e Nazaré com suas respectivas festas e buscando analisar a religiosidade popular e o festejar contido nos momentos do festejo, a questão que se apresentou para a continuidade era estar nas comunidades para acompanhar a realização das festas, sua preparação e os momentos do festejar e a movimentação da população local em volta deste evento.

A participação em um festejo na figura de pesquisador e não como um expectador, é um desafio árduo, por vezes desanimador. A presença deste pesquisador não passa despercebida para a comunidade, ela é notada, observada e analisada. As festas do santo padroeiro das comunidades ribeirinhas possuem características dadas por cada grupo que as organiza, dessa forma, o festejo de São Carlos diferencia-se dos festejos de Nazaré à medida que cada um deles tem em sua natureza motivações diferentes e o festejar contidos neles é fruto de formas de organização distintas.

O descolamento para a região ribeirinha de Porto Velho se dá de duas formas: a bordo de barcos recreio ou através de voadeiras. Ambos os meios de transportes são responsáveis por levar às comunidades produtos dos mais diversos, desde a alimentação, passando pelo combustível, as equipes das secretarias que fazem o atendimento às comunidades nas áreas de saúde, educação e segurança pública e claro, os próprios ribeirinhos. Bem como os produtos que serão comercializados nas feiras de Porto Velho, como a farinha e as frutas da época, que são plantadas pelos ribeirinhos em seus roçados e quintais cheios de fruteiras.

O rio Madeira se torna dessa forma a “estrada” principal por onde é escoada a produção agrícola, de onde é retirado o alimento na forma da pesca; para onde o ribeirinho olha esperando notícias de seus parentes que estão na cidade. O movimento de ir e vir destes barcos obedece ao código imposto pelo rio em seus períodos de seca e de cheia. A navegação em cada um desses períodos respeita condições que o rio apresenta, no período da cheia cuidado redobrado por conta da madeira que vem descendo o rio, advinda do movimento que a água do rio faz na beira rio derrubando a vegetação existente; já no período da seca o cuidado está nos bancos de areia que se formam com a descida do volume da água do rio e das

pedras que surgem em grande quantidade, não que essas pedras não existissem, sempre estiveram ali encobertas pela água.

O condutor do barco, o prático, o indivíduo que conhece o rio, os caminhos mais seguros para se navegar, pois viveu muitos pelas beiras do Madeira, percorrendo as águas turvas, enfrentando os temporais, ele conhece como ninguém as águas por onde navega. Este conhecimento foi adquirido através de anos de navegação no rio Madeira e da convivência com pessoas que já conhecem o leito do rio e o movimento advindo do ir e vir das águas do Madeira. São figuras extremamente importantes para que esse transporte seja feito de forma segura, garantindo que as pessoas, as mercadorias e os demais produtos cheguem ao seu destino. Os barcos que saem do Cai n'Água, em Porto Velho rumo as comunidades ribeirinhas em dias e horário alternados fazendo o percurso de Porto Velho até Manaus. Cada uma dessas embarcações representa para os moradores das comunidades a possibilidade de comunicação, pois muitas vezes os barcos fazem o papel de mensageiros levando recados da cidade para as comunidades ou no sentido contrário. Os barcos de transporte no rio Madeira têm papel fundamental para o comércio e transporte de passageiros, colaborando de forma significativa na economia das comunidades; uma vez que os comerciantes locais os utilizam para trazerem suas mercadorias até a comunidade; e no período das festas o transporte de grande número de pessoas para participarem dos festejos.

No outro lado do transporte no rio Madeira estão as voadeiras, embarcações pequenas e mais velozes que os barcos, sendo composto de um casco de alumínio que mede em torno de 6 a 8 metros e com motor de popa com potência variando entre 25 e 40 HP. Muito utilizado pelas equipes que fazem

trabalhos de assistência médica nas comunidades e por se tratar de um transporte mais veloz diminui em algumas horas a chegada ao destino pretendido.

O descolamento para a participação nas festas se deu na grande maioria das vezes por intermédio do barco e alguns momentos estando realizando algum trabalho específico nos utilizamos da voadeira para chegar às comunidades. Cada uma dessas viagens possui características diferentes, viajando de barco temos que atar redes para esperar a chegada ao destino, o que dentro dos barcos torna-se um trabalho complicado dependendo da quantidade de pessoas que esteja viajando.

Os barcos possuem um quantitativo de passageiros definido pelo órgão fiscalizador do transporte fluvial no rio Madeira, a Marinha, todos os barcos que saem do porto são fiscalizados, e conferida a quantidade de passageiros e mercadoria respeitando o limite de segurança para a viagem. Muito embora, este limite muitas vezes não seja respeitado pelos donos de embarcações, ocasionando assim, o retorno do barco ao porto para que seja providenciada a retirada do quantitativo que está a mais. O ato de atar a rede num barco requer do passageiro uma dose grande de tolerância, pois num mesmo espaço é necessário que dezenas de redes sejam colocadas a fim de comportar os passageiros daquela viagem. O público que utiliza este tipo de embarcação é composto de crianças, jovens, adultos e idosos; ou seja, num dado espaço vamos ter vários tipos de pessoas e situações, desde aqueles que estão indo visitar um parente até aquele que está enfermo em busca de tratamento médico. Já viajando de voadeira, teremos outro cenário; não se pode atar uma rede, pois a embarcação é pequena, viaja-se sentado tendo o vento e o sol como companheiros de viagem, isso quando não está chovendo; pois uma viagem como essa tem por lado negativo o fato da embarcação não possuir cobertura, o que deixa o viajante alvo das intempéries do tempo. Os barcos de

passageiros possuem cada um deles uma voadeira que faz o transporte do passageiro até seu destino; uma vez que não é em toda comunidade ao longo do rio que o barco pára deixando tanto o passageiro como mercadorias e outros item que os ribeirinhos trazem de suas viagens. Os barcos param nas comunidades maiores, como São Carlos e Calama, em Nazaré são as voadeiras que fazem esse trabalho deixando o ribeirinho na comunidade.

A chegada na comunidade guarda para o viajante surpresas das mais diversas. Se chegar durante o dia terá a luz do sol como guia para poder chegar ao seu destino; durante a noite é necessário astúcia e uma lanterna para iluminar o caminho, pois grande parte dessas comunidades não conta com iluminação na beira do rio. O que em algumas delas já tem esse problema sanado pela Prefeitura Municipal; embora isso não se observe ao longo das comunidades ribeirinhas do rio Madeira.

Atualmente comunidades como São Carlos e Nazaré possuem pousadas onde o visitante pode se hospedar; o que não acontecia algum tempo atrás; ou seja, o fato de existir locais para hospedagem facilita o trabalho do pesquisador, pois já não é mais necessário contar com a ajuda dos moradores. As viagens para as comunidades ribeirinhas são cercadas de perigos; o viajante deve estar atento para a chegada no barco, tomar cuidado durante a viagem, se certificar do porto em que a voadeira vai lhe deixar e claro, acertar o local da hospedagem. Feito isso, outro universo se apresenta ao pesquisador: a comunidade.

As festas são eventos periódicos que fazem parte do calendário das comunidades; ou seja; cada uma das comunidades ao longo do rio possui seu santo padroeiro e uma ou mais vezes por ano realiza um festejo para prestar homenagem ao seu santo. Dessa forma, as comunidades não passam o ano todo em festa, mas

sim em momentos específicos, e esses momentos representam formas diferenciadas de convivência nas comunidades.

Dessa forma, o estar na comunidade nesses nos momentos das festas e quando não há festejo, requer ações diferenciadas por parte do pesquisador. Chegar à comunidade quando não há festa nos traz a forma como ela é na sua essência, no seu ritmo cotidiano, nos mostrando aspectos do seu modo de vida: o acordar cedo, a saída para a pescaria, as mulheres a beira do rio lavando roupa, as crianças indo para escola, as conversas nas sombras das árvores, o futebol no fim da tarde e o recolhimento mais cedo em virtude do cair da noite. No festejo esse ir e vir na comunidade tem alterações acentuadas, visto que o recolhimento mais cedo é trocado pela ida à Igreja para os momentos do festejar como a novena, o bingo e o baile; o trabalho na agricultura e na pesca é transportado para outro dia, porque nesse período o ribeirão vai estar envolvido com as atividades do festejo, ele vai deixar seu trabalho que garante seu sustento para trabalhar em função da festa e em homenagem ao santo padroeiro.

Assim, aprendemos que para cada um desses momentos seria necessária uma forma de abordagem. No tempo da festa: observação dos acontecimentos do festejo, registro fotográfico e conversas com os moradores da comunidade. No cotidiano sem festa: observação das etapas da preparação do festejo, do cotidiano da comunidade, coleta de depoimento sobre o festejo, contato com a organização da festa. Momentos distintos que se completam no desenvolvimento da pesquisa, pois cada um deles traz consigo aspectos inerentes ao festejar e ao modo de vida das comunidades ribeirinhas.

Registrar os momentos de um festejo em princípio nos parece uma tarefa não tão complexa, mas olhar para este evento com o objetivo de compreender seus

significados requer atenção. Após a chegada na comunidade e já devidamente instalado, o momento seguinte é sair em busca da programação da festa visando identificar quais os momentos que devem ter atenção, além dos já tradicionais como as missas, a procissão, os bingos e leilões, o torneio de futebol e o baile. É fundamental saber quem está a frente da organização para um contato inicial, embora nesse período falar com essa pessoa não será tarefa fácil, pois o trabalho de deixar o festejo pronto para acontecer toma o tempo todo. Este é um contato a ser feito quando o festejo já passou ou num período anterior a festa.

Identificar os grupos que estão envolvidos no festejo nos ajuda a perceber como a programação está organizada, e com o festejo acontecendo já percebemos que a comunidade está agitada, o movimento já mostra que o evento está mexendo com o dia-a-dia dos moradores. A igreja já se encontra ornamentada e os espaços ao redor estão limpos, as barracas estão armadas, o grupo responsável pelo dia do festejo está organizando a igreja para a celebração, providenciando os detalhes para o altar da igreja e o brinde para o bingo da noite.

A chegada da noite confere a igreja e aos seus arredores ares de festejo, várias luzes estão acessas, o movimento de pessoas chegando para a celebração já se é notado, o sino da igreja soa chamando a todos para o início das atividades da novena. A celebração é iniciada com o rito de entrada na imagem da santa padroeira sendo trazida pelo grupo responsável por aquela noite. Na noite dos pescadores eles ofertam seus instrumentos de trabalho à Santa, assim, cada um dos grupos faz, apresenta seus objetos de trabalho e os oferece para ser abençoado. Após o término da celebração, o ministrante convida a todos para participarem do bingo.

As formas de registro em campo são: o diário de campo, o registro fotográfico, a participação na festa e coleta de depoimentos. Em cada um desses

momentos temos claro que as informações coletadas, os registros feitos vão subsidiar as análises e o texto a ser escrito quando do retorno à cidade. Basta lembrar Roberto Cardoso de Oliveira (2000) em seu *O Trabalho do Antropólogo*, que nos fala sobre as etapas de análise utilizando para tanto três momentos: o olhar, o ouvir e o escrever. Cada um deles sendo como ferramenta fundamental e complementar ao trabalho desenvolvido.

Em relação aos depoimentos, devo esclarecer que os atores principais não permitiram a realização de entrevista no formato padrão de estrutura, ou seja, uma gravação feita através de um aparelho gravador, baseado num roteiro definindo com antecedência e as etapas de uma entrevista semi-estrutura (HAGUETE, 2003). Esses depoimentos se constituíram de conversas muitas vezes informais com os moradores, com os representantes dos grupos envolvidos na festa. Conversas que depois eram registradas no diário de campo, depois revisadas e organizadas de modo a servirem para o entendimento dos acontecimentos; uma vez que o discurso sobre a festa também se constitui uma excelente forma para conhecer a natureza do festejar.

Fazer parte desse grupo se torna importante a medida que o entendimento desse evento passa pela forma que este grupo organiza a festa. Há na literatura sobre o tema, vários trabalhos que mostram a dificuldade que pesquisadores como Malinowski e Evans-Pritchard tiveram no desenvolvimento de suas pesquisas. Em *Os Nuer* Evans-Pritchard (1999) enfatiza que chega um momento que a presença do pesquisador não pode mais ser ignorada, ele deixa de ser um elemento estranho, deixou de incomodar, o que ele faz já é de conhecimento do grupo; o que não dá para ele total liberdade. Sua presença ainda é vista como reserva por alguns membros da comunidade, e como diz Geertz (1978) não estudamos o campo,

estudamos no campo, o que transforma o trabalho de campo um momento de grande importância para a pesquisa empírica.

A primeira etapa da pesquisa foi selecionada, a partir da bibliografia conceitos, temas a fim de que isso auxiliasse no processo de investigação e desenvolvimento da problemática formulada. Foram presenciadas várias festas e eventos nos quais os grupos enfocados se apresentaram, realizando um relato “de campo” de cada uma delas, registrando por meio de fotos e buscando informações mediante entrevistas rápidas e informais, inicialmente.

Para apurar os dados sobre os festejos, que permitiram a composição da estrutura do festejar, foram acompanhadas as atividades das festas, o antes, o cotidiano da comunidade e os momentos de efervescência, além dos grupos que atuam na organização do festejo. Alguns participantes foram contactos para serem entrevistados, conforme sua participação e importância da estrutura do festejar.

O que nos remete ao contexto das entrevistas e da memória que os moradores têm dos festejos. Para Thompson (1992) uma entrevista não é um diálogo, ou uma conversa, ela pode ser definida como uma relação social entre pessoas, neste momento deve-se fazer o informante falar e o objetivo deve revelar as fontes do viés, fundamentais para a compreensão social. O contato entre o entrevistador e o entrevistado é, antes de tudo, um ato de comunicação no quais os universos sócio-culturais de ambos não são por vezes compartilhados, por isso o ato de entrevistar é complexo e pressupõe habilidades, preparo teórico-metodológico e posturas éticas específicas. O ato de entrevistar exige muito de quem o faz, é necessário antes de tudo respeito pelo outro. Algumas qualidades são essenciais para quem realiza uma entrevista, como o interesse pelo outro como pessoa, flexibilidade nas reações em relação a eles, capacidade de demonstrar

compreensão e simpatia pela opinião deles, e, acima de tudo ter disposição de ficar calado e escutar (THOMPSON, 1992).

Durante a realização da entrevista é necessário ouvir para não interromper a narrativa, pois o relato de uma narrativa contem elementos que expressam informações que vão além da palavra falada e que se constituirão em elementos de análise do discurso. Diante de aspectos levantados à entrevista, enquanto ato de comunicação, deve encaminha-se no sentido de reduzir a diferença entrevistador-entrevistado presente neste tipo de relação, deve-se buscar a valorização da singularidade de cada depoimento para que essa relação seja mais igualitária e frutífera.

CAPÍTULO 2

O FESTEJO COMO OBJETO DE ESTUDO: SUA IMPORTÂNCIA PARA A PESQUISA E PARA AS COMUNIDADES RIBEIRINHAS



FIGURA 3 – Procissão do Festejo de Nossa Senhora da Saúde, Comunidade de Prosperidade. Fé e devoção durante as comemorações em homenagem à Santa. Fonte: SILVA, Josué da Costa, Agosto de 2004.

“Eu não desligo. Quando tá chegando perto do dia da festa... Não é só eu não, viu? As minhas irmãs também. Um liga pro outro, e pro outro, sabe como? E, assim, é a coisa mais gostosa que tem! Essa expectativa: que tá chegando, que a gente tem que vim... - apesar de que eu venho sempre. Eu não consigo desagarrar, né?” (Informante A)

O FESTEJO COMO OBJETO DE ESTUDO: SUA IMPORTÂNCIA PARA A PESQUISA E PARA AS COMUNIDADES RIBEIRINHAS

“A vida religiosa constitui, portanto, um dos temas centrais para o estudo da vida das coletividades humanas, pois permite compreender aquilo que as estruturas e partir de que elementos se constroem as identidades coletivas.”
Paul Claval, 1999, p.55

2. A construção do conceito de festejo

Historicamente, as festas são de grande destaque na cultura das populações e desde os tempos antigos elas tem sido importante elemento na construção da sociabilidade entre os povos, facilitando a inserção de símbolos que foram sendo incorporados a partir dos processos históricos de ocupação do espaço, dos ciclos agrícolas e da reunião de grupos sociais em torno de eventos comemorativos.

Tais comemorações surgem em virtude das formas de culto prestados a divindades protetoras da agricultura em tempos e locais determinados pelos grupos que mantêm a crença nessas divindades; mas esses cultos vão passar por mudanças com o advento do Cristianismo; Del Priore (1994, p. 13) nos diz que

[...] a Igreja determinou dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festas, os quais formavam o ano eclesiástico. Essas festas são distribuídas em dois grupos distintos: as festas do Senhor (Paixão de Cristo e demais episódios de sua vida) e os dias comemorativos dos santos (apóstolos, pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros).

As definições colocadas pela Igreja visavam substituir os cultos e eventos comemorativos a divindades pagãs; colocando dessa forma a fé cristã acima das crenças nos deuses da natureza; afinal “[...] o conjunto de conhecimentos e de sabedorias sobre a terra, as montanhas, os rios, os astros, as ervas medicinais, os ciclos da natureza e a biologia estavam inter-relacionados também com antigas e magníficas lendas e mitologias religiosas (PARKER, p. 24, 1995)”. O que iria contra todo o conjunto de crença eclesial e monoteísta dos colonizadores, sendo necessário trazer a essa “nova gente” a fé em Nosso Senhor e todos os rituais que lhe são pertinentes.

Em terras brasileiras, as procissões e as festas religiosas são consideradas as atividades urbanas mais antigas do Brasil, já que os relatos dos viajantes dão conta que já na época do descobrimento as comemorações de ordem religiosas e festivas estavam presentes nas atividades dos portugueses e dos indígenas (TINHORÃO, 2000).

A missa rezada em terra brasileira pelo Padre Frei Henrique foi a primeira atividade religiosa organizada pelos portugueses, demonstrando dessa forma, a força do catolicismo e a presença da Igreja nessas expedições. Antes da missa, que foi o acontecimento marco da ocupação daquela nova terra, o contato entre portugueses e gentis já mostrava alguns pontos que seriam marcas das festas brasileiras: herança européia, cultos a santos da Coroa Portuguesa, domínio da fé cristã e a imposição do cristianismo como religião aos povos que eram incorporados no processo de colonialismo dos Portugueses. Tinhorão (2000, p. 15-16) nos descreve o contato inicial entre portugueses e indígenas:

Essa primeira festa surgida espontaneamente logo ao primeiro contato de duas civilizações (a da pedra polida dos indígenas, a dos portugueses iniciando a era do capitalismo comercial e do Renascimento) figuraria, por sinal, como uma quase prefiguração do futuro mecanismo cultural que viria caracterizar sempre – sob a obediência geral dos modelos europeus dominantes – a criação de formas de organização coletiva do lazer na colônia portuguesa na América.

Podemos perceber com a descrição de José Ramos Tinhorão que a chegada dos portugueses em terras brasileiras já mostrava o contexto que traria para a religiosidade que se formaria em nosso país, cercada de características dos vários grupos que para aqui vieram e trouxeram consigo sua carga de crenças e religião.

Nesse sentido, a religiosidade popular e as festas religiosas são apontadas como um dos fortes elementos de mediação entre as diferentes culturas que povoaram o Brasil e que deram origem à cultura nacional, o que nas palavras de Rita Amaral (1998, p. 52)

[...] pode-se dizer que a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, alimentação, dança, mitos e máscaras atesta a veemência esta proposição. A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade e exaltando as condições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontos os opostos tidos como inconciliáveis.

A festa surge nos grupos sociais como um dos fatores capazes de estabelecer a ordem através de seus rituais, de seus significados e da fé existente entre os participantes. A forma como a festa acontece reflete a organização dos grupos e demonstra a relação que estes indivíduos travam uns com os outros, e a medida que temos no sentido religioso uma via para que interesses contrários estejam num mesmo espaço convivendo juntos; a festa traz consigo uma importante possibilidade para a compreensão da organização social estabelecida pela sociedade.

Uma das questões inerentes à festa é que ela é fruto do processo histórico por que passam a sociedade, os grupos sociais, as comunidades rurais e ribeirinhas; elas são manifestações da crença no divino e nos santos católicos; tornando-se a expressão da fé que o grupo possui (BARROS, 2005).

Esses momentos se caracterizam desde o princípio da história por serem eventos que juntam os indivíduos para desfrutar da alegria, da música, da distribuição gratuita de comida e, com destaque, um momento de abrandamento da ordem estabelecida. Nas festas que acontecem nas comunidades ribeirinhas esses eventos representam mais que momentos festivos; uma vez que nesse período o morador das comunidades terá acesso aos sacramentos ministrados pelo sacerdote como o Batismo, a Primeira Comunhão, a Confissão e o Casamento, bem como uma missa celebrada por um padre, o que para uma comunidade ribeirinha é motivo de muito orgulho e satisfação, pois uma missa assim não é sempre que acontece já que não há um sacerdote que resida na comunidade. Para o ribeirinho significa a vinda de parentes, o encontro e reencontro de familiares há tempo distantes, a chegada de visitantes na comunidade; representa a mudança no cotidiano e na vida de seus moradores; pois o comércio se agita, a pousada local hospeda os visitantes, os bares e mercados da comunidade registram aumento no movimento, as relações se estreitam entre moradores e visitantes, uma vez que o festejo é o momento em que as comunidades próximas se fazem presentes com seus times de futebol e grupo de jovens. Dessa forma, os festejos que são realizados atualmente, se apresentam como momentos de reunião da população local em torno de um evento voltado ao festejar, à fé e a crença do grupo social.

A questão religiosa nos grupos sociais adquire grande importância uma vez que através de suas crenças os indivíduos externam seu modo de se relacionar com o sagrado e com o divino, tendo essa relação expressa por meio dos festejos, procissões, pagamento de promessas, folguedos e demais outras manifestações da crença católica do grupo; temos então, um cenário muito amplo no que concerne ao estudo das festas religiosas, uma vez que “especialmente no Brasil, formado por uma riquíssima diversidade cultural, o tema festa inevitavelmente nos remete à sua

gênese, no período colonial, como festa de caráter singular, composta por contribuições negras e indígenas [...]” (AMARAL, 1998, p. 10). Essa hibridação das culturas nos trouxe uma religião festiva, caracterizada pela forma como os sujeitos se relacionam com suas crenças, com seus santos padroeiros e com as relações que são estabelecidas com o ambiente onde habitam.

Assim, a festa permeia toda a sociedade fruto de sua herança histórica e cultural, significando um intervalo, uma parada no cotidiano rotineiro e na atividade produtiva, sendo um fenômeno de natureza sócio-cultural capaz de modificar o tempo e o espaço das comunidades com os acontecimentos que ocorrem durante os eventos festivos, pois Amaral afirma que a festa é capaz de “[...] conforme o contexto cristalizar, ritualizar ou sacralizar a experiência dos grupos que a realizam” (1998, p. 08).

A festa tem em sua natureza características diversas, comemorativas, se pautando pela alegria, pela celebração, pela reunião de pessoas, pela mediação dos conflitos, dos interesses e pela renovação da fé. Dessa forma uma pesquisa sobre as festas não pode ser feita de maneira estanque, uma vez que “[...] esses eventos religiosos exigem um estudo, pelo seu caráter aglutinador de pessoas, centrado no santo padroeiro, no costume local e na tradição religiosa herdada do colonizador [...]” (ROSENDAHL, 1999, p. 42). O que em nossa região é muito claro, pois os processos migratórios se encarregaram de trazerem para o Estado grupos dos mais variados lugares e com as mais variadas culturas.

Para Durkheim (1989), as principais características de todo tipo de festa são: a) a superação das distâncias entre os indivíduos; b) a produção de um estado de “efervescência coletiva”; e c) a transgressão das normas coletivas. No divertimento em grupo, do mesmo modo que na religião, o indivíduo “se insere” no grupo e passa a ser dominado pelo coletivo. Esse coletivo vem a se caracterizar pela forma que o

festejo acontece, uma vez que o evento é fruto do trabalho dos vários grupos que fazem parte da comunidade. O fazer “coletivo” é uma das características das populações ribeirinhas, pois o trabalho nessas áreas tem como uma das grandes características ser um trabalho coletivo, um trabalho que conta com a participação de vários grupos e famílias. É festa, é de algum modo o reflexo desse trabalho coletivo, organizado de forma a ajuda mútua, da participação de grupos com interesses em comum.

Para estabelecermos onde está a religiosidade e onde começam esses interesses, é importante compreender as atividades dos festejos. Uma festa é organizada para com dois pólos principais: festivo e religioso. Dentro do caráter religioso temos todos os elementos constitutivos da religião católica, como as missas, procissões, os sacramentos, bem o pagamento de promessas e a realização de novas promessas. No caráter festivo, temos o comércio local, o divertimento do baile dançante, os torneios esportivos, os leilões e bingos; cada uma dessas atividades busca agregar ao festejo o valor financeiro, e só podem participar dessa venda quem estiver inserido na organização da festa. Bourdieu (1999, p. 46) nos diz que a religião exerce um efeito de consagração quando estrutura um sistema de práticas religiosas e de representações, capaz de fazer parte das relações econômicas e sociais vigentes. Para os participantes fica o consumo daqueles produtos, das comidas, da participação no bingo, com lances no leilão e a aquisição de produtos das mais diversas naturezas que acabam tornando o momento das festas uma feira a céu aberto em plena comunidade. Ainda de acordo com Durkeim (1989), na festa a energia do coletivo atingiria o seu apogeu no momento maior de “efervescência” dos participantes. E no momento da festa que temos esses aspectos sendo mostrados de forma clara, no que pese ao aspecto religioso, a missa e a procissão são os ápices desse momento; já no aspecto festivo temos o baile, o

torneio esportivo como responsáveis pela euforia dos indivíduos durante esse período.

A festa integra o universo cultural e religioso das populações, sendo estudada pelas ciências humanas nos seus mais diversos aspectos (festivo, religioso, ritual), sendo concebida sob abordagens da sociologia, da antropologia que buscam compreender seus significados e suas representações para assim, explicar as formas que os grupos sociais possuem de representar seu mundo através das festas. Esses acontecimentos possuem características próprias; que Norberto Guarinello (2001, 971) organizou em cinco momentos:

1. Implica uma determinada estrutura social de produção, no sentido de que as festas não são dádivas de Deus, nem caem dos céus segundo nossos desejos;
2. Envolve a participação concreta de um determinado coletivo, seja ele a sociedade em seu conjunto, ou grupos dentro dela, com maior ou menor expressão ou força legitimadora, distribuindo-se os participantes dentro de uma determinada estrutura de produção e consumo da festa, na qual ocupam lugares distintos e específicos;
3. Aparece como uma interrupção do tempo social, uma suspensão temporária das atividades diárias que pode ser cíclica, como nas festas de calendário, ou episódica, como da comemoração de eventos singulares;
4. Articula-se em torno de um objeto focal, que pode ser um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou satisfações coletivas e que atua como motivação da festa;
5. Por fim, uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos.

Guarinello (2001) em seu texto *“Festa, trabalho e cotidiano”* levanta os cinco pontos que considera importantes para o estudo das festas, relacionando o tema com o trabalho e o cotidiano das populações, propondo dessa maneira que o assunto seja tratado levando em consideração a festa como evento fruto da cultura do grupo, cercado de características que foram sendo absorvidas a partir de sua realização e da relação que o grupo social possui em seu cotidiano.

A estrutura social a que Guarinello (2001) se refere diz respeito ao trabalho que é desenvolvido pelos grupos sociais para a realização da festa. Cada festa

demanda uma carga de trabalho diferenciada, vinda da forma pela qual é conduzida e organizada.

Se utilizando do termo “*determinado coletivo*” de Guarinello (2001) os festejos das comunidades ribeirinhas envolve um grande número de grupos, que assim, como o autor descreve, possuem maior ou menor importância. O festejo possui uma estrutura para sua realização concentrada na figura de seu organizador e dos grupos que já integram as atividades da igreja local; somado a estes já existentes outros chegam para integrar como os comerciantes e os funcionários públicos da comunidade que juntos vão movimentar o restante da comunidade em prol da festa. A população tem seu papel nas atividades resultantes desta organização, colaborando com sua participação e contribuindo para que a programação aconteça de forma plena.

O festejo demanda como foi falado uma carga de trabalho considerável, tais como: pintura e reforma da igreja, limpeza e ornamentação, confecção do andor e do altar para a imagem da santa, organização dos espaços para os acontecimentos do festejo (baile, torneio de futebol, limpeza da comunidade, entre outros). Todas essas atividades são realizadas pelos moradores da própria comunidade, homens e mulheres que deixam seu trabalho, sua atividade de sustento para trabalharem para o festejo; o que nos palavra se Guarinello (2001) é uma das características das festas a interrupção temporário do trabalho em períodos determinados, ou seja, nos dias do festejo. As atividades diárias são substituídas pelas atividades do festejo, seja o trabalho para que aconteça seja a participação na festa em si.

Toda festa de santo tem como na citação de Guarinello (2001) um ente real ou imaginário, termo alias muito bem vindo para a discussão atual. Já que um festejo articula-se em torno de um santo, considerado aqui esse ente real e imaginário; por se tratar de uma imagem e também de um ser para onde são

depositados pedidos, crenças e agradecimentos. Esse acontecimento tem como fato motivador uma promessa feita ao santo, que foi atendida; assim para que se ocorra uma festa é necessário um pretexto, um motivo principal, é preciso algo para celebrar, algo motivado por uma graça alcançada, pela saúde recuperada, mostrando que toda festa é um tempo consagrado, tempo de festejar, de festejar sua forma de acreditar, de crer (PEREZ, 2002).

Outro aspecto levantado por Guarinello (2001) diz respeito a geração de produtos da festa que podem ser segundo o autor materiais ou significativos. Essa questão no que se refere aos festejos religiosos das comunidades ribeirinhas reside em aspectos como as promessas feitas pelos ribeirinhos, na devoção que são demonstradas no período da festa, nas atividades características do festejo com a presença do sacerdote tais como a distribuição dos sacramentos e a participação em uma missa com programação completa. É necessário também comentar que os festejos geram dividendos para a igreja e para o grupo que o realiza, pois os bingos e vendas de comidas e bebidas geram renda para a comunidade. Esse produto é gerado para a igreja e posteriormente transformado em prol da festa do ano seguinte, garantindo melhorias na estrutura física da igreja e nas demais dependências que fazem parte da festa.

No que se refere ao caráter recreativo que o festejo possui Durkheim (1989, p. 452) mostra a inter-relação entre cerimônia religiosa e a idéia de festa, pela aproximação entre os indivíduos, pelo estado de “efervescência” coletiva que propicia e pela possibilidade de transgressão às normas. O que nos festejos temos em grande escala, exemplo disso é o baile dançante, o torneio de futebol, a procissão, uma vez que os momentos do festejar despontam do cotidiano da vida do morador da comunidade, são momentos que se caracterizam pelo divertimento, pela

busca do sagrado, pelo pagamento de promessas e pela realização de novos pedidos ao santo padroeiro.

Dessa forma, o festejo muda a comunidade, ele “[...] instaura e constitui um outro mundo, uma outra forma de experienciar a vida social, marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e emoções [...] e, mesmo, em grande medida pelo não-social” (PERES, 2002, p.19). O que significa dizer que a festa traz para o ribeirinho momentos que são extraordinários ao seu mundo cotidiano, uma vez que o festejo lhe traz oportunidades para que ele por algum tempo se desprenda daquelas atividades diárias, ele pode se dedicar ao divertimento estando junto aos seus parentes, vizinhos e demais participantes da festa.

Percebemos assim, que a festa possui um caráter paradoxal, oscila em dois pólos, o cerimonial e o festivo; tendo momentos característicos a cada um deles. Autores como Durkheim (1989), Perez (2002) e Amaral (1998) mostram o caráter de efervescência coletiva da festa, uma vez que este momento está situado em dois aspectos principais:

- *Aspecto Ritual*: representado pelas cerimônias religiosas e pelas solenidades dos rituais;
- *Aspecto do Divertimento*: representado pelo fator recreativo das festas.

O festejo religioso em comunidade ribeirinha terá em sua programação as cerimônias religiosas, rituais, e claro, o momento do divertimento e da recreação. A festa assume caráter socializador, já que com a realização destes eventos os moradores das comunidades se encontram, a relações se estreitam e os momentos de vivência tornam-se mais acentuados. O que é destacado por Maffesoli (1994, p.112) quando nos diz que é o “*estar-junto*” que tem sua importância nas coletividades dos momentos específicos das festas, ação comum através do qual a comunidade vai fortalecer o “*sentimento de si mesma*”, pois os moradores vão

vivenciar vários momentos juntos, o que fica claro na fala de uma das moradoras “quando a gente tá aqui se sente bem, a gente sempre tá no meio dos amigos.”

O local de realização da festa nos remete aos estudos de Moura (1983, p.22), onde ela nos fala que a festa é capaz de fazer com as pessoas deixem seu trabalho, deixem sua rotina para se dedicar à festa. São dias que tem característica de feriado, pois fazem parte do calendário das comunidades; por isso são importantes; esses acontecimentos chegam a ter mais importância que os feriados oficiais para as populações rurais ribeirinhas.

2.2 Os festejos como campo de estudo

2.2.1 Os festejos na Comunidade de Nazaré

Em Nazaré as festas de santos mais importantes são os festejos de Nossa Senhora de Nazaré e São Sebastião; embora sejam realizados na mesma comunidade possuem características distintas no seu modo de acontecer, na sua estrutura e na participação popular.

Para a realização de um festejo há uma organização pensada e praticada pelas comunidades. São formados grupos que vão ficar responsável pelos dias da festa. Cada um desses grupos tem sob responsabilidade organizar a celebração, providenciar os brindes para os bingos e leilões, manter os espaços destinados à festa limpos e prontos para serem utilizados. As novenas aparecem como momentos de encontro do povo com a divindade, com o evangelho e com a reunião da comunidade em torno da figura do santo padroeiro. Dentro da festa elas são as atividades sagradas que antecedem o dia principal do evento, tendo por

característica ser conduzida pelo representante da igreja, com as atividades pertinentes de um culto: cânticos, leitura de textos bíblicos, comentário do texto lido, ofertório. Os devotos do santo padroeiro aproveitam este momento para ofertar suas orações, agradecer e refazer seus pedidos. É um dos momentos de júbilo religioso, já que no início é sempre feita a entrada da Imagem do Santo, trazida pelo grupo responsável da noite; mostrando a consagração do seu trabalho em oferta ao santo.

A festa de Nossa Senhora de Nazaré que acontece no mesmo dia as comemorações do dia da Pátria, traz consigo a carga dos momentos formais que fazer parte dessa data, como o desfile cívico, o hasteamento da bandeira e hino nacional sendo cantado por todos os presentes. Essas características nos fazem perceber que o festejo descortina o imaginário do ribeirinho, a partir das representações cotidianas que são transportadas para os momentos festivos, trazendo à tona a estrutura de funcionamento da própria comunidade.

A preparação do festejo se inicia um mês antes, com a definição da programação, que é composta dos seguintes momentos:

Programação do Festejo

05:30 horas – Alvorada com queima de fogos;

07:30 horas – Desfile Cívico;

13:00 horas – Início do torneio esportivo;

17:30 horas: Término do torneio;

19:30 horas – Procissão em honra à Padroeira;

20:30 horas – Celebração da Palavra;

22:00 horas – Leilão;

24:00 horas – Entrega dos prêmios aos times vencedores;

01:00 horas – Baile dançante

No festejo de Nossa Senhora de Nazaré observamos vários momentos de organização e movimentação da comunidade no momento da festa. Toda essa movimentação se explica, uma vez que este evento é a possibilidade que a

comunidade possui de festejar, de sair da sua rotina e também de exercer atividades que podem lhe trazer algum retorno financeiro. São momentos que nas palavras de Figueiredo (1999) são chamados de formais e não-formais, são aspectos ligados a sua realização e que tomam essa forma levando em conta em situação ele acontece.

O primeiro momento da festa está ligado as comemorações do Dia da Pátria, e se inicia com o Desfile Cívico; atividade dos alunos, coordenada pelos professores. Todas as crianças marcham em pelotões organizados segundo a série a que cada criança estuda; há os pelotões do time de futebol da comunidade, a banda e um grupo de três alunos que representam personalidades importantes da história do país, como a Princesa Isabel, Dom Pedro I e Tiradentes. O desfile cívico também é um espaço para manifestações da comunidade, por dois anos consecutivos via-se uma criança segurando um cartaz com o seguinte dizer: “*4ª Série, Nós queremos a 5ª série*”. Por muito tempo essa foi uma das reivindicações da comunidade, e depois de vários pedidos, a Vila de Nazaré tem em sua escola Floriano Peixoto a oferta da 5ª série em regime modular para seus alunos. Uma conquista para essa comunidade. O Desfile encerra em frente ao Centro Comunitário com a manifestação dos presentes cantando o Hino Nacional e o hasteamento da Bandeira.

A partir desse momento, a comunidade se prepara para os demais momentos da festa. No início da tarde ocorre o torneio de futebol, que é uma das atividades de maior disputa no festejo. Nesse torneio, há a presença de vários times, alguns vindos de comunidades vizinhas, que vem para participar e disputar o prêmio principal; geralmente um garrote e uma quantia em dinheiro. O futebol para essas comunidades é motivo de muito orgulho, seus times viajam para os demais festejos com o objetivo de ganhar e levar a fama de o melhor time da região do baixo

Madeira. Exemplo disso é a realização do torneio inter-distrital de futebol, uma disputa altamente forte entre as comunidades que compõem os Distritos de Porto Velho. Um dos times mais fortes dessa região não está em Nazaré e sim, em São Carlos, em um dos anos que participei do festejo foi o time que levou o primeiro lugar.

Além do mais, é interessante ressaltar que o campo de futebol é palco para as rivalidades existentes entre as comunidades. Os times que participam não estão ali apenas com jogadores, também está presente sua torcida que faz questão de ser notada. Como expectador dos jogos, percebemos que os moradores trazem para o campo do futebol todas as suas rixas, que acabam sendo resolvidas muitas vezes de forma violenta dentro do jogo.

Após o término do torneio, há uma parada para que a comunidade se prepare para o outro momento de grande importância dentro da festa: a procissão. Esse momento é definido por DaMatta (1997) como um desfile especial, fazendo uma analogia ao desfile do Dia da Pátria; uma vez que a procissão tem toda uma organização. O andor onde a imagem da Santa vai ser levada é preparado pelo grupo de mulheres, é ricamente ornamentado com fitas coloridas e flores; além é claro que o manto que cobre a imagem tem um tratamento todo especial, é confeccionado em veludo e adornado com fitas douradas e detalhes brilhantes. Não é apenas o andor que recebe uma decoração especial, a igreja e todo o espaço que será usado como percurso da procissão recebe limpeza e adornos que deixam a paisagem da comunidade com outro aspecto, um aspecto alegre, colorido.

A procissão sai de frente da igreja da comunidade e percorre toda a parte central do local. A imagem da santa vai na frente, sendo carregada de forma alternada por vários moradores, alguns deles estão pagando uma promessa; logo em seguida está o grupo que vem entoando os cânticos, puxando as rezas, sendo

cercado pelos participantes, cada um segurando uma vela acesa. Fato que dá uma visão quase poética para esse momento, já que as velas se tornam pontos de luz em meio aquele povo que anda e canta no meio da noite em homenagem a santa. A procissão se encerra em frente a igreja com a entrada da santa e ela sendo depositada no altar principal. É rezada a missa, distribuído os sacramentos e realizado batizado nas crianças da comunidade.

Após o término da missa, inicia o leilão. O leilão se constitui um momento onde são oferecidos ao público ali presente vários produtos, que vão desde bolos, comidas, frangos assados, patos assados, frutas, utensílios domésticos e demais objetos que são doados pela comunidade visando angariar fundos para a igreja e para a Santa. Os produtos mais visados são os pratos típicos, que geralmente chegam a valores bem superiores daqueles que valem na verdade.

Logo em seguida é entregue a premiação para o time vencedor do torneio e todos são convidados a participar do baile dançante. Momento aguardado com grande ansiedade pela comunidade, pois o forró é uma das opções de lazer para essa população. E os bailes são muito famosos atraindo muitas pessoas para esses locais, onde se pode dançar, se divertir.

O outro festejo da comunidade de Nazaré é o de São Sebastião, festejado nos dias 19 e 20 de maio, pois em janeiro mês da comemoração oficial está no período das chuvas. O festejo surgiu a partir de uma promessa feita ao santo por um dos moradores da vila, caso sua graça fosse alcançada ele juntamente com sua família construiria uma igreja e destinaria um espaço em homenagem ao santo. Essa graça foi alcançada e a igreja para o santo foi construída e em sua homenagem foi criado na Vila de Nazaré, o bairro de São Sebastião; um espaço diferenciado na comunidade, pois se trata de um local na terra firme, área alta que não alaga no período das chuvas. É um espaço de segurança para seus moradores.

A preparação do festejo tem início um mês antes de sua realização, e esse festejo tem uma característica que o marca: forte religiosidade; o que podemos perceber dentro da programação da festa:

Programação do Festejo de São Sebastião

De 11 a 18 às 19:30 horas – Novena. Todas as noites com participação da comunidade católica, devota do santo padroeiro. Cada noite os fiéis ouvirão um capítulo da vida do santo que será lido e comentado pelo celebrante.

Dia 19 às 13:00 horas – Início do torneio de futebol;

17:30 horas – Término do torneio;

17:45 horas – Entrega dos prêmios para as equipes vencedoras;

19:00 horas – Atendimento às confissões;

20:00 horas – Celebração da Santa Missa, incluindo batizados e casamentos;

21:00 horas – Escolha da Boneca Viva do festejo;

22:00 horas – Leilão em prol da Igreja do Santo Padroeiro;

24:00 horas – Início do Baile com participação do som ao vivo.

Esse festejo tem no Conselho Comunitário da Igreja de São Sebastião a equipe responsável pela organização do evento, nele parte dos membros são da mesma família. Percebemos que a promessa de um indivíduo se torna um evento coletivo; congrega a comunidade em prol de uma causa.

A preparação do espaço para a festa, a construção de barracas e a ornamentação da igreja e do barracão do baile, o som que vai animar a noite, bem como as bebidas e as comidas a serem vendidas são responsabilidades de uma comissão familiar tendo as tarefas bem divididas entre homens e mulheres e dos produtos que são preparados para a festa, como as galinha e patos para o leilão. O festejo de São Sebastião possui essa característica fundamental: é organizada por

uma das famílias da comunidade, o que marca algumas diferenças em relação as festas com caráter mais coletivo, pois a maioria das pessoas que fazem parte da organização e dos grupos de trabalho são irmãos, primos, tios, sobrinhos, afilhados ou filhos de destaque da festividade.

No início da noite as atividades religiosas começam com o último dia da novena, onde os membros da comunidade são convidados a refletir sobre seu modo de ser e agir, através da leitura do evangelho pelo padre. Esse é um fato de grande destaque para o festejo, ter como celebrante principal um padre. As comunidades ribeirinhas passam a maior parte do ano sem a presença de um sacerdote, sua presença é esperada durante os festejos, são nesses momentos que os moradores podem receber os sacramentos.

As atividades do festejo iniciam-se à tarde, com o torneio de futebol. Ao todo dez times de diferentes comunidades participam da disputa, em busca do prêmio principal. No início da noite, as atividades religiosas começam com o último dia da novena. A missa é iniciada com a igreja lotada. A celebração é de caráter conciliatório entre as famílias organizadora do festejo e o restante da comunidade. Nesse momento, o aspecto familiar da festa cede lugar ao espírito coletivo. Esse fato é ressaltado nas palavras do padre, que faz referência à promessa feita pelo membro da família responsável por aqueles momentos de festa. Após a missa, o padre realiza batizados de crianças de Nazaré e das comunidades vizinhas. O encerramento é feito com o baile dançante, regionalmente conhecido como “forró”, embora seja rara a apresentação de músicas tradicionais do Nordeste.

2.2.2 O festejo de São Carlos

Em São Carlos o festejo principal é o de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, comemorado no dia 12 de outubro. Esse festejo tem seu marco fundamental a construção da igreja da comunidade no ano de 1937 a mando de um senhor chamado Rodolfo Guimarães, dono da área, que no passado foi um grande seringal e este senhor foi o dono. Como as festas tradicionais, esta se originou de uma promessa feita por este senhor a Nossa Senhora.

O caráter histórico da festa é ressaltado pelos moradores da comunidade, pois para eles o festejo de hoje não tem mais o brilho dos que eram comemorados em tempos antigos. Segundo relatou um morador da comunidade que estava com oito anos de idade na época da construção da igreja, naquele tempo havia um respeito muito grande com a figura da santa, que o padre era a autoridade da festa, sua palavra era ordem, e as relações daquela época se pautavam pelo recato e respeito às mulheres casadas, e a presença de homens com modos reprováveis não era bem vista e logo ele era convidado a se retirar.

Atualmente, o festejo pauta-se na presença de um organizador principal, aquele que exerce a figura de coordenar a preparação, de organizar os momentos e cuidar da parte financeira do evento. A festa está dividida em dias, e cada um deles esta sob a responsabilidade de um grupo específico. Esses grupos são formados por moradores que estão envolvidos nas atividades da comunidade.

Os grupos responsáveis pela realização da festa são:

- Grupo de jovens;
- Os Pescadores;
- Funcionários das Centrais Elétricas de Rondônia S.A – CERON;
- Funcionários do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA;

- Funcionários da Escola Henrique Dias;
- Funcionários da Delegacia local;
- Funcionários da Administração Local;
- Funcionários do Posto de Saúde;
- Grupo das Mães.

Cada um desses grupos é responsável por uma das noites do festejo, por organizar a celebração, providenciar o brinde que será brindado na festa e preparar a entrada da imagem da santa na igreja no momento do início da celebração.

As atividades da festa não se diferenciam muito das da programação de outros festejos. Mas em São Carlos os momentos voltados ao religioso são muito fortes, as missas com a entrada da imagem da Santa Padroeira e a Procissão do festejo são acontecimentos de grande destaque.

Em cada uma das noites o grupo responsável inicia a celebração adentrando a igreja trazendo seus utensílios de trabalho que são depositados no altar e a imagem da Santa que é colocada no local de destaque do altar. O grupo de pescadores oferta à Santa suas redes de pesca, suas canoas e demais utensílios, eles entram na igreja e cada um deles deposita um objeto no altar, a imagem da Santa vem logo em seguida, e também é colocada no altar. A partir desse momento a celebração é iniciada.

Dentro da igreja já se observa que os andores onde as imagens da Santa serão levadas no momento da procissão. A imagem de Nossa Senhora Aparecida que existe em São Carlos possui duas histórias diferentes sobre sua origem. Uma diz que uma das imagens foi encontrada no rio por um pescador em sua rede, a outra teria sido trazida a mando do Sr. Rodolfo Guimarães; dessa forma há na comunidade duas imagens que seguem em procissões distintas, uma por terra e a outra vem pela água. O ápice da festa se dá no momento do encontro das duas

imagens em frente a igreja, com a celebração da missa campal e o coroamento de Nossa Senhora Aparecida.

PROGRAMAÇÃO: FESTA DA PADROEIRA NOSSA SENHORA APARECIDA

De 04 a 12 de outubro de 2006

Distrito de São Carlos Jamari – Porto Velho/RO

Programação da Festa:

Novena: Todos os dias a partir das 20:30 horas

1º Dia: 04 Quarta-feira – Vigília das Mães

Tema: Mãe Aparecida, ensinaí-nos a cantar, com vossa vida, Louvores a Deus!

2º Dia: 05 Quinta-feira – Grupo de Jovens

Tema: Mãe Aparecida, ensinaí-nos a colaborar com as obras de Deus!

3º Dia: 06 Sexta-feira – Comerciantes

Tema: Mãe Aparecida, vossa vida exalta a santidade de Deus!

4º Dia: 07 Sábado – Centro de Saúde

Tema: Mãe Aparecida, fazei de nós missionários (as) da misericórdia de Deus!

5º Dia: 08 Domingo – Delegacia, IBAMA, Guascor

Tema: Mãe Aparecida, vossa humildade desconcerta o coração dos soberbos!

6º Dia: 09 Segunda-feira – Administração

Tema: Mãe Aparecida, ajuda-nos a construir uma sociedade sem dominação!

7º Dia: 10 Terça-feira – Escola Municipal Henrique Dias

Tema: Por nossas mãos, ó Maria, Deus enche de bens os famintos, os ricos se excluem de mãos vazias!

8º Dia: 11 Quarta-feira – Pescadores

Tema: Mãe Aparecida, vós sois sinal de amor infinito de Deus!

9º Dia: 12 Quinta-feira – Comunidade

Tema: Mãe Aparecida, em vós cumpriu-se plenamente a promessa de Deus!

Procissão:

Procissão Terrestre e Fluvial dia 12 às 17 horas

Seguida da Missa e da Coroação de Nossa Senhora Aparecida

O festejo contará com serviço completo de arraial, todas as noites haverá bingo após a novena e nas três últimas noites da festa apresentações culturais, leilão e coroação da rainha da festa 2006.

Torneio de Futebol:

Dia 11 início às 11 horas

Taxa de inscrição: R\$ 40,00 – Premiação: 1º Lugar – R\$ 350,00 / 2º Lugar – R\$ 200,00

CAPÍTULO 3

CATOLICISMO E A RELIGIOSIDADE POPULAR: UM CENÁRIO DIVERSO NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS



FIGURA 4 – Andor de Nossa Senhora da Saúde em momento de procissão, comunidade de Prosperidade. Cânticos e louvor são entoados durante o festejo. Fonte: SILVA, Josué da Costa, Agosto de 2004.

“O suor derramado desta pequena comunidade será o alicerce onde será construída a nova Nazaré do futuro, onde enchentes e deslizamentos jamais afetarão. Unidos venceremos. A força dos pequenos é a imagem do poder divino”.

Epígrafe que se encontra na entrada da Igreja da Comunidade de Nazaré – Porto Velho/RO.

CATOLICISMO E A RELIGIOSIDADE POPULAR: UM CENÁRIO DIVERSO NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS

“No mundo agrícola, o calendário dos trabalhos se combina com o das prescrições, das cerimônias e das festas religiosas. Não se podem evocar a vida de pastores e camponeses sem enfatizar que suas práticas se inscrevem sobre um pano de fundo de crenças, de preconceitos e superstições.” Paul Claval, 1999, p. 38

3. Catolicismo e Religiosidade Popular

Refletir sobre a religiosidade num contexto das comunidades ribeirinhas de Porto Velho não se constitui um problema pessoal e nem de um projeto individual de pesquisa, posto que estes itens façam parte de todo o universo mental desse grupo social. Afinal o conceito de religiosidade popular tem sua origem no culto e está presente em todas as civilizações, permitindo as mais diversas análises; contribuindo para entender as relações do homem com suas crenças e o modo de relacionar-se em sociedade.

Para que se possa compreender com mais facilidade a carga emocional contida nas promessas, festas religiosas, romarias e procissões, dentre outras manifestações que materializam a fé, fazem-se necessário um estudo pormenorizado da religiosidade popular.

Oscar Beozzo, por exemplo, defende a substituição da expressão “religiosidade popular” por “práticas religiosas das classes populares”, do qual, salvo melhor juízo, julga-se lícito discordar, pois o autor insiste em tê-la como exclusivo “patrimônio de classes sociais exploradas e oprimidas” (BEOZZO, 1982, p. 745), desconsiderando que as manifestações de religiosidade popular independem de classe social.

Sejam as práticas do catolicismo oficial, sejam as manifestações de religiosidade popular, ambas se sustentam em alicerce comum: a noção do sagrado. A clivagem do “sagrado”, no entanto, é o “nó górdio” não só dos que elaboram as doutrinas que nortearão qualquer ortodoxia religiosa, mas também do estudioso das religiões. Efetuar esse processo de clivagem é sem dúvida difícil. Até meados do século XIX caracterizava-se a noção de “popular” como “[...] a de tudo que representasse o supersticioso, o grosseiro, curioso, vulgar” (CESAR, 1976, p. 7), ou seja, estava adjunto ao termo um caráter de certa forma pejorativo.

De qualquer forma, a designação de “popular” é normalmente empregada em relação às classes sociais subalternas, ou aos indivíduos que ocupam uma posição periférica na organização espacial de uma dada sociedade. Refere-se, dessa forma, às manifestações de memória coletiva, aí incluídas a linguagem e a religiosidade. A partir da realidade ribeirinha, buscam-se elementos capazes de dar sustentação ao debate preterido por este trabalho. Já que estudar a realidade amazônica se constitui um objeto de reflexão privilegiada para qualquer área das Ciências.

E quando falamos de sagrado e de religiosidade, fazemos isso no sentido de que não se trata de algo inexistente, impossível, distante ou mesmo separado do que poderia ser pensado como o “resto” da experiência humana, e sim como um fato real, presente e que é revestido de grande importância no modo de vida das populações da Amazônia, visto que o sagrado não é mais místico do que lógico,

estético ou político. Incluem todas estas dimensões, mas não se reduz a nenhuma delas. Assim, como outros conceitos, o sagrado também é um produto da criação humana, isto o caracteriza não como um equívoco ou uma crença sem fundamento, mas o legitima e o torna válido como parte do universo mental do homem.

O homem que vive na Amazônia tem dentro de suas práticas religiosas mais comuns o catolicismo. Neste universo amazônico é muito comum à crença em superstições e mitos que fazem parte do cotidiano das comunidades situadas à margem dos rios, como as lendas da cobra grande, da mãe da mata, do curupira, e nas crenças como o mau olhado e os encantamentos. Essa é uma religiosidade que tem como um dos pontos fortes a devoção aos santos católicos e da reunião da comunidade em momentos específicos para celebrarem seus padroeiros, transformando-se em eventos que se caracterizam pela realização de festas religiosas ou festejos, como são popularmente chamados na região ribeirinha. Dessa maneira, as comunidades ribeirinhas passam grande parte do ano ora envolvidas com a preparação, ora com a realização ou participação nesses acontecimentos religiosos.

3.1 Culto aos Santos e a Manifestação do Sagrado

Desde a chegada dos portugueses na costa brasileira e sua entrada no interior do país com o intuito de conquista, exploração e dominação do território; existe registro de festividades religiosas e de devoção aos santos. José Ramos Tinhorão (2000) descreve com riqueza de detalhes o ritual religioso da primeira missa e o contato dos portugueses recém chegados com os indígenas. A partir daí a inserção do catolicismo e de seus preceitos começou a ser disseminado naquela terra nova.

A vinda de missões jesuítas que datam do século XVII para a Amazônia e o contato com os indígenas, com suas crenças e suas devoções, somado a fenômenos que mais tarde vieram a contribuir para o atual formato da religiosidade praticada na região ribeirinha - como é o caso das correntes migratórias do início do fim do século XIX e início do XX - colaboram para originar uma forma de catolicismo que dá ênfase ao culto dos santos, às festas de santos e grupos organizados para realizar tais eventos.

Nessa realidade temos os santos padroeiros como figuras de relevada importância dentro do universo das devoções das comunidades, dessa forma a figura de Deus e Jesus Cristo como entidades sagradas não se destacam tanto como dentro do contexto de populações urbanas. A figura da Virgem Maria assume a imagem de Nossa Senhora que nas comunidades ribeirinhas aparece revestida sob a identidade de santas de devoção de grupos de mulheres e de algumas praticantes de cultos místicos como as benzedadeiras e rezadeiras, bem como as parteiras tradicionais que se pegam em oração às suas santas de devoção na hora da realização de seu ofício, o parto.

A devoção aos santos e a realização de festas têm características peculiares, posto que existem os santos de devoção que são individuais e existem os santos padroeiros da comunidade. A devoção individual a um santo leva o ribeirinho a prestar suas homenagens de forma isolada; já os santos padroeiros entram no calendário festivo das comunidades. Passam a ser comemorações coletivas de uma crença que perpassa apenas um indivíduo, chegando a congregar toda a comunidade em torno daquele santo. Alguns destes santos, representados por suas imagens fazem o papel de protetores ou patronos de alguns ofícios desenvolvidos pela comunidade; *São Sebastião* como santo dos pescadores é bom exemplo desta devoção (GALVÃO, 1976).

A imagem de um santo possui grande importância para uma comunidade, visto que “[...] acredita-se que determinadas imagens tenham poderes especiais, capacidades de milagres e de maravilhas que outras idênticas não possuem” (GALVÃO, 1976, p. 29-30). A imagem de Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil é revestida de uma áurea de misticismo e poderes especiais a ela atribuídos; da mesma forma é na região ribeirinha, as imagens de madeira ou de outro material, tornam-se as protagonistas das festividades e para ela são voltadas às crenças e as adorações.

Os festejos se caracterizam por serem manifestações de fé, de agradecimento por benefícios alcançados e renovação dos pedidos feitos à imagem do santo protetor. Podemos considerar que as festas de santo são promessas coletivas que visam o bem estar da comunidade. Dessa forma “[...] acredita-se firmemente que, se o povo não cumprir com sua obrigação ao santo, isto é, festejá-lo na época apropriada, ele abandonará a proteção que dispensa. Aqueles que custeiam as despesas das festas têm a convicção que o santo retribuirá esse sacrifício. (GALVÃO, 1976, p. 31)”

Outra característica que merece destaque é que o ribeirinho cumpre suas promessas por meio de rituais, traduzidos muitas vezes na forma de festejos, almoços comunitários, missas, procissões, novenas, bailes, etc. Dessa forma, cada evento deste possui sua própria história e razão de existência, forma única de ser organizado e sua representatividade para comunidade varia de grupo para grupo.

Nas comemorações dos festejos o sagrado e o profano estão presentes, no entanto diluídos nos vários momentos da festa. A organização do festejo e os vários momentos que dele fazem parte é que vão caracterizar estes dois momentos. O sagrado e o profano são destacados por Eliade (1992, 1998) como modos distintos de ser no mundo, capazes de promover mudanças espaciais. Nesse sentido,

Rosendahl (1999b) contextualiza a questão do sagrado e do profano como formador e modificador do espaço, seja de uma comunidade ou de uma cidade.

O momento da festa religiosa é efetivamente um espaço religioso que não separa o mundo em sagrado e profano, nela tudo é potencialmente sagrado, ainda que não seja equitativamente, já que certos lugares, certos tempos e objetos o são mais que os outros. Para Rosendahl (1997, p.125) “[...] o espaço sagrado se revela não somente através de uma hierofania, mas também por rituais de construção e, nesse caso, os rituais representam repetições de hierofanias primordiais conhecidas”.

Outro aspecto fundamental é que as festas de santo se constituem em uma das características das populações que congregam da fé católica, pautando-se no caráter socializador, posto que com a realização destes eventos o grupo se encontra, realizam mais atividades em conjunto. O que é destacado por Mafessoli (1994, p.112) quando ele nos diz que é o “*estar-junto à toa*” que tem sua importância nas coletividades dos momentos específicos das festas, uma ação comum através do qual a comunidade vai fortalecer o “*sentimento de si mesma*”. A partir daí encontramos algumas características essenciais do grupo que se fundamenta antes tudo, no sentido partilhado. O que nas sociedades modernas não é observado, posto que não haja interação comumente entre os estranhos, vemos nas populações tradicionais e nos momentos dos festejos: a comunidade celebrando como um todo (GIDDENS, 1991). O estar-junto é um dado fundamental, pois ele consiste numa espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e sua solidez específica, dessa forma os elementos que constituem essa cultura solidificam o modo de vida do ribeirinho, já que a festa é ritual, divertimento, mas também modo de ação e resistência do ribeirinho.

Os festejos religiosos se configuram como eventos ligados ao sacramentalismo cristão advindo do universo mental do grupo e cada evento deste possui sua própria história e razão de existência, vindo a representar devoção, saudando um novo período produtivo que se inicia nessas comunidades, pode representar também a solução de um grave problema, a saúde recuperada, tudo isso é traduzido em agradecimentos. Podendo ser definidas como: “[...] manifestações culturais que se caracterizam, entre outros aspectos, por serem eventos efêmeros e transitórios, perdurando algumas horas, dias ou semanas” (MAIA, 1999, p.204).

Estando ligadas à religiosidade e ao costume de “pagar” e de “fazer” promessas, esse ato é destacado por ROSENDAHL, pois “[...] a prática religiosa de “fazer” e “pagar” promessas constitui uma devoção tradicional e bastante comum no espaço sagrado dos santuários católicos” (1999b, p.61). Assim, cada festa é resultado de um acontecimento particular ligado a algum fato referente a um sujeito de destaque no âmbito da comunidade; situação muito bem descrita por Galvão:

Os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprindo aquele sua parte do contrato, o santo fará o mesmo. Promessas “são pagas” adiantadamente, para se obrigar o santo a retribuir sob a forma do benefício pedido. (1976, p. 31)

No âmbito das comunidades ribeirinhas esses “contratos” são seguidos com disciplina e devoção. O acreditar e o festejar estão juntos dentro dos vários rituais que fazem parte do festejo. E a figura do santo padroeiro e das demais crenças do grupo ocupam papel de destaque no cotidiano dessas comunidades, uma vez que é muito difícil uma comunidade não possuir seu santo padroeiro. Uma vez isso ocorrendo, existirá um santo de devoção de algum morador para festejar e celebrar.

Outras características são igualmente importantes e representam o aspecto de movimento de festas que trazem a reprodução de representações, de símbolos

que ajudam a manter a identidade (e são por elas mantidos) e a coesão social do cotidiano, pois é na festa que aparecem os elementos constitutivos explícitos da identidade das festas de santos e rituais amazônicos.

Há dentro do caráter informal de funcionamento das festas um esquema organizativo que acompanha o ciclo da brincadeira, desde os preparos (escolha dos encarregados) até a apresentação (locais determinados). A irmandade dos membros dos grupos sublinha a força do processo de identificação que possibilita o devotamento, graças ao qual se reforça aquilo que é comum a todas as festas: a comunhão.

3.2 O Sagrado no contexto das comunidades ribeirinhas

Há inúmeras definições e referências ao sagrado; vários autores e pesquisadores já se debruçaram sobre o tema nos trazendo grande material de análise; um dos grandes pesquisadores sobre a temática é Mircea Eliade (1988), que vai nos dizer que só o *sagrado* é realidade de uma maneira absoluta, porque age eficazmente, criando e fazendo durar as coisas; influenciando em grande medida para a forma como o homem organiza sua vida.

O sagrado manifesta-se por intermédio da “*hierofania*” (ELIADE, 1992, 1998), significa dizer que algo de sagrado revela-se na realidade vivida pelo homem. Além disso, ELIADE (1998, p. 297) nos explica que a manifestação do sagrado é imposta ao homem, o que implica dizer que o homem que vive nessa realidade não a percebe, ele apenas a vive, ele faz parte dela e dela retira suas crenças.

Outro teórico que analisou esse fenômeno do sagrado e do profano foi Émile Durkheim, que os caracterizam como uma qualidade individual tratada como se fosse dotada de poderes sobrenaturais e divinos. Qualquer coisa, sensível ou supra-

sensível pode ser classificada como sagrado (assim como profana), variando de religião para religião. Sagrado e profano são dissociados, mas mantêm uma relação de complementação, posto que onde há a manifestação do sagrado, lá o profano também terá uma manifestação; é uma relação sentida e avaliada pelo indivíduo através de sua religiosidade e de seu universo mental. O que nas palavras de Durkheim pode ser entendida como “[...] uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente [...]” (1989, p. 72). Tal distinção entre coisas sagradas e profanas seria uma das principais características de todas as religiões, por conta de que, dentro do universo das crenças e das religiões haverá em grande medida a divisão em dois aspectos, comumente chamados de *sagrado* e de *profano*. (DURKHEIM, 1989, p. 492).

Esta oposição marca, por exemplo, a percepção do sagrado subordinado por um Deus único e absoluto, reduzível ao âmbito da fé, característica do catolicismo oficial da população brasileira. Esta redução coloca o fenômeno do profano como algo a ser vivenciado longe do “criador”, mesmo que tal fenômeno seja inerente ao sagrado a situação a qual o profano está subordinado é a seu esquecimento e desprezo. Situação muito bem retratada pelo trabalho de Zeny Rosendahl, onde ela nos diz que “[...] a palavra sagrado tem o sentido de separação e definição, em manter separadas as experiências envolvendo uma divindade, de outras experiências que não envolvam, consideradas profanas” (1999a, p.231).

Na atualidade, sobram elementos para se pensar o que foi historicamente uma liberação e uma dignificação, um avanço ou um retrocesso, no que tange ao entendimento do fenômeno do sagrado, visto que o modo de vida moderno leva ao empobrecimento da realidade e da distinção da experiência do campo religioso, reduzindo-o a uma superstição ou crença popular, desprovida de importância e

significados. O ser absoluto e a crença nos modismo advindos dos meios de comunicação de massa, levam em grande medida a uma coisificação de “Deus”. Colocando e estabelecendo conceitos e ações que são frutos da ação humana e não da crença e da religiosidade dos grupos sociais. A figura de Deus desponta dentro de um contexto como este, colocando o sagrado em segundo plano, visto que as formas que os indivíduos têm de acreditar advêm da conduta e do comportamento apregoados pelo sistema religioso oficial, ou seja, esse sistema remete o sagrado e o profano para um plano inferior.

Este fato nos leva a uma discussão acerca da secularização das crenças e da própria religião. A idéia de um Deus e de uma religião vista sob o ponto de vista da ciência e do modo de produção capitalista coloca o “reino de Deus” substituído pelo “reino dos homens”; em certa medida tal fato irá colaborar para a formação de uma antítese ao sagrado. No âmbito das crenças essa secularização vem operando de forma poderosa trazendo para o grande público novas formas de religião ou mesmo outras maneiras de se chegar ao sagrado. É o que nos coloca Leila Amaral (2000) quando nos apresenta o *ocultismo*, a *espiritualidade*, o *oráculo* e demais formas de estar em contato com o sagrado. Todas essas formas muito próximas aos sujeitos e difundidas no meio da população com discursos voltados à cura e ao encontro dos questionamentos que levam os indivíduos à busca incessante de respostas às perguntas clássicas da filosofia e da própria existência do homem.

O mundo moderno, secularizado, está repleto de ídolos e deuses não divinos. Mas esta crítica não questionou a *economia geral da salvação*, nem muito menos a monetarização da fé, ou seja, a lógica que dá sustento tanto à religião quanto à ideologia moderna do trabalho, do progresso e do desenvolvimento. O mundo pautado no trabalho e na acumulação descartou a religião, e com ela o sagrado, porque dentro dos ciclos de desenvolvimento do capitalismo o aspecto religioso foi

colocado de lado em função de uma ideologia que buscava a consolidação do projeto da modernidade. (SANTOS, 2001)

Dessa forma a modernidade, o sagrado e suas manifestações ficaram submersos e inibidos, mas não desapareceram, deixaram de ter grande importância para dar lugar a outros tipos de espetáculos, à fábrica, à bolsa de valores e demais fenômenos do capitalismo organizado, como a oposição da cultura de massas e a recusa do contexto social (SANTOS, 2001, p. 85). De toda maneira a divisão do mundo de forma julgadora e valorativa em profano e sagrado, muito bem destacada por Durkheim, vem de uma das grandes características do sagrado: o fato deste fenômeno ter diversos significados, como transcendental, misterioso e divino. E também porque o sagrado vem colocar ao indivíduo aquilo que ele não consegue definir e nem muito menos nomear, é algo inacessível, ainda que seja parte do universo das crenças e da religiosidade dos grupos sociais colaborando para a manutenção da fé do sujeito dentro de sua comunidade, localidade ou mesmo a sociedade como um todo.

3.3 A religiosidade popular nas comunidades ribeirinhas

Para tecermos comentários sobre a religiosidade popular existente nas comunidades amazônicas é necessário, antes, buscarmos fundamentos para trazer a tona a grande diversidade das crenças e religiosidades existentes no Brasil.

Um aspecto importante está ligado a definição de “popular”, visto que já é por demais polêmica ter tal definição, outro aspecto é definir religiosidade popular de uma forma tal que se obtenha unanimidade. Nesse sentido a própria noção de religião popular foi objeto de inúmeras tentativas de definição e de contestações freqüentemente renovadas, chegando até a dar a impressão de um recomeço

indefinido dos mesmos equívocos. Porém, ao nos aprofundarmos, encontramos outras noções, designando os grandes componentes da noção-mãe: preces, devoções, peregrinações.

Neste caso, torna-se menos complexo um delineamento do termo religiosidade popular, não pelo que ele representa, mas, ao contrário, pelo que não representa, já que está ligado ao universo mental dos grupos humano. Ademais, a religiosidade popular não é corpo eclesial nem corpo doutrinário, configurando-se em uma religiosidade dotada de razoável independência da hierarquia eclesiástica; incluindo nesse contexto toda a documentação oficial da Igreja e todos os teólogos elaboradores da doutrina. Independência essa ao caráter sistemático do catolicismo oficial, materializada em uma explosão quase íntima ao “sagrado”, humanizando-o, sentindo-o próximo, testando-o e sentindo sua força por métodos criados, não pelo clero, mas pelos próprios devotos, métodos esses que são transmitidos, em sua grande totalidade, oralmente. Em suma, o vivido em oposição ao doutrinal.

Diante destes aspectos surge o questionamento: Que fundamentos e razões levam o Catolicismo oficial a conviver com as mais variadas formas de religiosidade popular? As causas são várias e diversas, e têm como pano de fundo a implantação da fé católica em Portugal e as condições de seu domínio americano. Inúmeros grupos étnicos implantaram no território português, aberto ao mar e vizinho à África, um vasto caleidoscópio cultural, onde uma religiosidade de caráter híbrido plasmou-se ao longo dos séculos, tendo como principais vertentes o catolicismo, o islamismo e as práticas africanas, todas permeadas de rituais e práticas simbólicas. Somando-se a isto a predominância do caráter rural, tem-se o quadro de uma religiosidade plural, muito mais afeita ao misticismo e à continuidade das crenças pagãs do que próxima a uma religiosidade análoga aos padrões desejados pelas instituições católicas.

No ambiente amazônico esta relação se deu seguindo os seguintes aspectos e características:

[...] A interação dos elementos religiosos processou-se de modo desigual e por etapas que dependeram de fatores diversos, porém específicos ao ambiente amazônico, ou sejam – os recursos econômicos da floresta tropical, a organização das sociedades tribais, as técnicas primitivas de exploração do meio, a influência dos missionários, o caráter do catolicismo ibérico em confronto com a ideologia do aborígene e, finalmente, as características da sociedade mestiça de índios e brancos que emergiu e se desenvolveu na atual sociedade rural contemporânea. (GALVÃO, 1976, p. 07)

As manifestações de religiosidade popular vão permear o imaginário do povo brasileiro em suas relações com o sobrenatural, formando-se em nosso país um catolicismo extra-oficial, de caráter pragmático, popular e tributário de superstições tomadas a outras religiões. A este irá se opor ao catolicismo romano, baseado nos preceitos do Clero, na figura da Santíssima Trindade, na figura do indivíduo e nos sacramentos.

Em outras palavras, o catolicismo oficial é voltado para a salvação da alma que fará frente a um “catolicismo de santos” em que a figura de Cristo perde importância, a oração dá passagem às formulações mágicas e a resolução dos problemas cotidianos suplantam a salvação da alma. Os santos, cada um com sua “especialidade”, serão os companheiros de jornada nesta vida, auxiliando ou impedindo projetos e sendo por conseqüência “recompensados” pelos fiéis com festas, romarias, pagamentos de promessas e procissões, ou então “punidos”, seja com blasfêmias, seja com o não atendimento dos pedidos, seja com “castigos” advindos no não cumprimento das promessas.

Dentro da realidade amazônica vamos ter uma religiosidade permeada por vários aspectos. Somados aos que já foram comentados temos o fator indígena e as crenças do caboclo. Estes aspectos por si só, já são capazes de dar novas características às crenças e ao modo como o homem se relaciona como sagrado. Nas comunidades amazônicas temos deste os mistérios das encantarias, da

pajelança, dos rituais até os momentos efervescentes das festas religiosas e o imaginário das entidades míticas do mundo da natureza. Essa maneira de se relacionar com o sagrado e com o universo das crenças não representa apenas o produto da amalgamação de duas tradições, a ibérica e a do indígena, estas duas fontes são formadoras da religião do ribeirinho da Amazônia, ressaltando que o componente ambiente físico é grande responsável por este fenômeno. (GALVÃO, 1976)

Estamos nos referindo às sociedades tradicionais, que tem uma relação com o sagrado e o mundo das crenças caracteristicamente diferente das sociedades modernas. O que nas palavras de Giddens quer dizer que “[...] nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. (1991, p. 44)”

Ainda neste sentido podemos fundamentar nossos argumentos no tocante às populações tradicionais levando em conta que o mundo do ribeirinho amazônico é orientado pela construção de uma rede de significados manifestos nos símbolos e mitos da paisagem habitada. Nesse momento cabe uma discussão sobre este modo de vida, visto que Antônio Carlos Diegues (1996) nos apresenta conceitos que podem ilustrar a realidade descrita neste trabalho. Já que analisar populações ribeirinhas é estar se deparando com um modo de vida tradicional, que possui características próprias como: *modo de vida*, dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis; *conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos* que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais, *noção de território ou espaço* onde o grupo social reproduz-se econômica e socialmente; *importância das atividades de subsistência*, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado; *reduzida*

acumulação de capital; importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais; *importância das simbologias*, mitos e rituais associados à caça, à pesca e atividades extrativistas; *a tecnologia* utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. (DIEGUES, 1996, p. 87-88)

E no contexto das populações tradicionais ribeirinhas a religiosidade é latente. As crenças e os valores religiosos perpassam as instituições oficiais, uma vez que a Igreja não se faz presente na grande maioria das comunidades. Fato muito bem ilustrado por Galvão (1976, p. 03):

As instituições religiosas [...] traduzem os padrões sócio-culturais característicos do ambiente regional. Organizado na base do pequeno grupo local, o povoado, o sítio [...], o catolicismo do caboclo é marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de “santos de devoção” identificados à comunidade. (Grifo nosso)

E esta devoção é marcada por rituais que são conduzidos por membros da própria comunidade que possuem características que os distinguem dos demais; normalmente são os líderes, as pessoas mais antigas do local ou mesmo aquele que detêm mais “posses” (recursos econômicos). Assim, percebemos uma estreita relação entre o universo das crenças e das devoções com o modo de vida das populações ribeirinhas e, diante do contexto da modernidade, elas enquanto populações tradicionais ainda sustentam este modo de se relacionar como sagrado levando em conta que estes aspectos derivam de uma herança indígena e ibérica; resultando daí uma colcha de retalhos extremamente rica e que caracteriza as populações residentes nas áreas ribeirinhas da Amazônia.

3.4 O festejar e o espaço socialmente construído nas comunidades ribeirinhas

As atribuições dadas ao espaço e a forma de se organizar nele estão ligadas à cultura e ao modo de vida das populações ribeirinhas entre as quais as crenças, os mitos e a religiosidade são destaques, tornando-se um dos fatores responsáveis pela organização sócio-espacial. As festas em comunidades ribeirinhas constituem um acontecimento ligado ao universo mental do grupo, capazes de promover mudanças na estrutura espacial das comunidades, são eventos que representam momentos de identidade do grupo ribeirinho.

As festas religiosas merecem destaque por representarem mudança, por modificarem o espaço, por mudarem o tempo das comunidades. Em algumas festas temos essas características mais visíveis, com a construção de novas igrejas e a criação de espaço próprio para o santo padroeiro. Assim, são as festas; acontecimentos fruto do sincretismo religioso; que trazem consigo características próprias que moldam o espaço, transformando-o num lugar único. O que nos lembra os escritos de Luis Boada (1991, p. 88), onde podemos observar que o espaço pode ser humanizado, ou seja, transformado num lugar diferenciado do restante, basta que para tanto ali sejam realizados ritos que dêem conta de tal tarefa, o que, aliás, pode muito bem ser realizado através das festas religiosas.

O ribeirinho vive o espaço de maneira peculiar, levando em consideração a maneira pela qual se relaciona com o ambiente a sua volta. É uma relação de respeito pautado nas crenças e nos mitos, como destaca SILVA (1994, p. 13): "A natureza passa a ser humanizada, desmistificada, ou seja, desnudada de mistérios e incorporada de novos significados. Passa a correr, em alguns momentos, a sacralização da paisagem. A 'mata' e o 'rio' passa a ter um significado especial para esse grupo [...]". A religiosidade tem papel de destaque entre essas populações,

tornando-se elemento capaz de promover mudanças na organização do espaço desses locais. Assim, temos dentro da realidade do ribeirão elementos constituintes da cultura que compõem o espaço, como as crenças, o sincretismo religioso e os mitos; o que a torna fator de destaque nas modificações espaciais presentes nas comunidades.

Dessa forma, percebemos que o espaço nas comunidades ribeirinhas recebe designações ligadas às crenças criadas pelo grupo, ligadas aos elementos constituintes da realidade do homem ribeirão, como os rios, os igarapés, os lagos, a mata, as lendas, os mitos etc. Nascimento Silva (2000, p 94-5) exemplifica a organização espacial dessas comunidades:

O espaço, nas comunidades ribeirinhas, ainda está muito próximo, ou melhor, esta intimamente ligado ao ribeirão, eles mesmos ainda não perderam completamente o controle desse espaço, onde reconhecem os signos e significados que estão presentes em seu ambiente sem se separarem deles inteiramente, sem transformá-lo essencialmente em mercadorias.

O que é atestado por Riviére (1999, p. 59) quando nos diz: “[...] não se trata somente de uma relação concreta, física, com ele (o espaço), feita de prática e de deslocamentos, ou de uma fenomenologia de espaço vivido, mas de um imaginário no qual entram os estereótipos da civilização e os valores ligados a identidade e a diferenciação social”. Outro aspecto a ser destacado é que o festejo necessita de vários espaços e locais para sua realização. Uma vez que cada momento da festa é pensado e realizado em um determinado local. Por exemplo, a procissão é realizada nas ruas da comunidade, e baile, no centro comunitário ou noutro lugar que comporte tal atividade. Deste modo:

Esta organização social nos remete ao espaço utilizado para a realização das festas e suas funcionalidades, o que é destacado. A rua, os pátios, as praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas condições e do papel que desempenham em uma coletividade organizada. Então, a empatia ou a proximidade constituem os suportes de uma experiência que acentua intensamente as relações emocionais e os contatos afetivos, que multiplica ao infinito as comunicações, e efetua repentinamente, uma abertura recíproca entre as consciências, na medida em que festa não

mais necessita de símbolos e inventa as suas configurações, que desaparecem, muitas vezes, em seguida, (Duvignaud, 1983, p. 68)

Esta organização social nos remete ao espaço utilizado para a realização da festa e suas funcionalidades, o que é destacado por MAIA:

[...] grande parte das festas, no seu momento de ocorrência, simplesmente fornecem nova função às formas espaciais prévias que dispõe para a sua realização (ponto central): rua, praças etc. Mas, tão logo cessa o período ou momento extraordinário, tais formas retornam a sua função habitual.

Com efeito, as festas religiosas constituem momentos em que a população ribeirinha modifica o espaço que habita, dando-lhe significados os mais diversos e transformando-o num lugar único, fruto das crenças existentes entre essas populações, que diferenciam e qualificam locais com características que só existem durante a festa.

Na comunidade de Nazaré, temos um exemplo de espaço modificado pela ação humana ligada a cultura do grupo. Foi criado o “bairro de São Sebastião”, fruto da promessa feita pelo líder religioso, o que acarretou a construção da nova igreja católica, que fica mais distante da parte central da comunidade. O espaço de São Sebastião representa crescimento do exercício da fé católica do grupo, pois a partir de então duas igrejas passam a existir na comunidade que fica responsável pelas tarefas de limpeza, manutenção e organização do local para as celebrações, sendo que o grupo de São Sebastião tem como coordenador o chefe religioso da vila de Nazaré. Sua autoridade é reiterada pelo viés educacional, por exercer por longo tempo o papel de educador, de professor, além de conduzir e manter o grupo dentro da mesma religião e crença. Ele contribui para o fortalecimento da doutrina católica, que faz frente ao vertiginoso crescimento das igrejas pentecostais nas comunidades ribeirinhas.

Podemos observar que o espaço da comunidade está em constante mudança. Essa mudança está ligada à natureza: “o rio comanda a vida” dos moradores, e com isso toda a vida da comunidade passa a por períodos de

mudanças. Nas áreas ribeirinhas, distinguimos as áreas de terra firme e as de várzea: aquelas passam o ano todo sem sofrer inundações, enquanto estas passam algum tempo alagadas e só ficam secas por um curto tempo.

Assim, o espaço está qualitativamente dividido. Quem tiver mais terras nas áreas de terra firme terá mais tempo para produzir e não sofrerá tantas dificuldades. A região onde está localizado o bairro de São Sebastião tem por características estar entre as áreas onde, no período da cheia, a água não chega. Apenas o caminho que conduz ao novo bairro alaga, tornando difícil a caminhada do centro da vila até lá.

As mudanças espaciais ocorridas nas comunidades ribeirinhas são resultados de diversos elementos. A cultura do homem ribeirinho é o fator de destaque, o espaço é reflexo desta cultura. Temos na fé do ribeirinho elementos norteadores da construção de seu espaço e as festas funcionam como fator de mudança dentro do tempo e do espaço. São momentos de grande vivência para os moradores das comunidades ribeirinhas e representam a manifestação de uma das facetas que o grupo possui, sua forte religiosidade.

As atividades realizadas durante a festa constituem momentos onde o espaço ganha contornos diferentes do que possui durante o cotidiano das comunidades, cada morador vive o espaço de uma maneira particular. Esse momento está ligado à fé e devoção que está presente no festejo, sendo resultado da cultura e do modo de vida dessas populações.

E nesse sentido que o espaço representa estas relações. A organização para a festa reflete o trabalho e suas relações, sejam elas conflitantes ou não, de acordo com o que já foi previamente definida cada atividade será desenvolvida em dado local que já foi pensado para aquele momento. A dinâmica espacial passa necessariamente pela funcionalidade, tanto para um Festejo como para outro,

todavia esta mudança ou movimento no espaço da comunidade só pode ser observado no período da festa, quando passa este período os locais que serviram para alojar algum momento do Festejo voltam a fazer parte do universo cotidiano.

CAPÍTULO 4

DESENVOLVIMENTO REGIONAL E RELIGIOSIDADE POPULAR

UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?



FIGURA 5 – Igreja da Comunidade de São José da Praia. Marco de presença do catolicismo que existe na região ribeirinha, mesmo nas comunidades mais distantes a religiosidade é marcante. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

DESENVOLVIMENTO REGIONAL E RELIGIOSIDADE POPULAR UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

“[...] O mundo resulta, ao mesmo tempo, do jogo de mecanismos naturais e sociais e da vontade organizadora de atores sociais. Portanto, é indispensável uma concepção religiosa da vida social para clarificar a maneira como os homens se inserem no espaço.” Paul Claval, 1999, p. 54

Nas últimas décadas, a discussão acerca da questão do desenvolvimento tem tido grande destaque no âmbito acadêmico. Vários são os grupos e conceitos que são apresentados e que defendem correntes que visam um desenvolvimento igual que respeite o meio ambiente e as populações. No entanto o que temos observado é um processo de exclusão e de apropriação de vários elementos que compõem o modo de vida das populações, visando crescimento econômico, que vem mascarado a um conceito de desenvolvimento.

Trata-se, em primeiro lugar, de um padrão de desenvolvimento que não polua que não gere montanhas de resíduos, que não agrida a natureza, que não gere exclusão social, que respeite o universo mental das comunidades, para tanto, é necessário ter claro que há necessidade de buscar o princípio da sustentabilidade e de um plano de desenvolvimento para a região.

Conceitualmente, Cavalcanti (1997) define sustentabilidade como a possibilidade de se obterem continuamente, condições iguais ou superiores de vida para um grupo de pessoas e seus sucessores, dentro de um ambiente, de uma comunidade, etc. Em outras palavras o conceito de sustentabilidade equivale à idéia de manutenção do sistema de suporte a vida. Sendo que, não está apenas embasado nos aspectos materiais e econômicos, mas sim, no conjunto que compõem o fenômeno do desenvolvimento, como os aspectos políticos, sociais, culturais e físicos. Nesse sentido, podemos caracterizar a sustentabilidade como a relação entre os sistemas econômicos humanos dinâmicos e os sistemas ecológicos mais abrangentes, mas geralmente é um processo com mudanças a longo prazo, por isso mesmo, mudanças vagarosas; que consistem num primeiro momento que a vida humana continue a existir, que as individualidades humanas possam florescer; que a cultura possa desenvolver; e que, os efeitos das atividades humanas permaneçam dentro de limites a fim de que não possam destruir a diversidade, a complexidade e as funções do sistema ecológico que impera no ambiente (CONSTANZA, 1991).

Assim é possível definir um plano de desenvolvimento regional, como aquele que se transforma num processo localizado de mudança social, que tem como finalidade última a melhoria permanente da qualidade de vida da comunidade regional como um todo e de cada indivíduo residente nela. Alguns atributos são inerentes a este processo, tais como: um crescente processo de autonomia regional; uma crescente capacidade regional de apropriar-se do excedente ali gerado e revertê-lo na própria região; um crescente movimento de inclusão social; um crescente processo de conscientização e mobilização social em torno da proteção ambiental e, finalmente, uma crescente autopercepção coletiva de “pertença regional”, isto é, de identificação da população com sua região (BOISIER, 1989).

A sustentabilidade para populações tradicionais ribeirinhas pode se desenvolver por meio de comportamentos éticos, nos seus aspectos culturais, mantendo uma preocupação na conservação e preservação da vida e do ambiente.

Um processo que se caracteriza por ser um processo que implica um ajuste social e econômico com métodos e técnicas para que a natureza atenda às necessidades básicas da comunidade. Dessa forma, há uma diversidade de atividades produtivas, fato que vai assegurar a sobrevivência, contanto que essa diversidade esteja relacionada com o padrão de necessidades e recursos disponíveis no local, além do universo cultural e das crenças que compõem o pensar e o viver dos grupos sociais.

Um dos cerne da discussão deste trabalho é o dialogo necessário entre desenvolvimento regional e religiosidade popular. Conceitos complexos, mas inerentes ao trabalho e que necessitam de um questionamento aprofundado, afinal a região amazônica apresenta um universo extremamente rico no que concerne aos aspectos religiosos e culturais. E se nos dispomos a discutir desenvolvimento, temos que pensar também perspectivas para as crenças e a religiosidade que existem nas populações e comunidades população amazônica.

E Quando falamos de sustentabilidade estamos conduzindo a discussão na mesma direção do desenvolvimento sustentável, utilizando ambos os conceitos como sinônimos. E quando nos referimos a sustentabilidade devemos ter claro que este é um conceito construído socialmente, fruto de vários momentos históricos e do trabalho de grandes organizações internacionais e nacionais.

Com o crescente desenvolvimento instaurado pela consolidação das estruturas capitalistas e da grande utilização dos meios naturais, voltou-se a uma consciência de sociedade voltada a preservação dos aspectos naturais e que colaboram com a vida humana. Foi necessário pensar uma forma de crescer de

forma sustentável, respeitando o ambiente, o social, o meio físico e o lado econômico; a esse movimento foi dado o nome de *desenvolvimento sustentável*. No entanto este modo de ver a sustentabilidade do desenvolvimento ainda passa por grandes disparidades conceituais, muitos estudiosos ainda estão à busca de explicações e conceitos que podem dar conta de explicar tal processo.

Nestes termos sustentabilidade precisa ser definida como um conceito respeitando aspectos como educação, saúde, economia, distribuição de renda, índices de empregabilidade, qualidade de vida, índices de desenvolvimento humano e social. Essa sustentabilidade seria a manutenção de certas características desejadas e necessárias as pessoas e as comunidades, nos ecossistemas num longo período de tempo.

Diante dessa perspectiva desenvolvimento significa “[...] a expansão ou a realização de potencialidades, possuindo características tanto quantitativas e qualitativas. [...] É um processo contínuo de evolução em que as pessoas agem rumo ao um desenvolvimento que satisfaça suas necessidades correntes sem comprometer a habilidade das gerações futuras. (SIENA, 2002, p. 47)”.

Podemos dentro desta conceituação pensar que o desenvolvimento sustentável engloba valores que fazem parte do universo mental dos grupos humanos; uma sociedade fundamentada no consumo exagerado de bens não terá esta concepção de continuidade da vida. Já os grupo sociais que tem dentro de suas práticas a preocupação com as gerações futuras têm atividades e ações que os levam a pensar de maneira sustentável.

O debate sobre sustentabilidade necessita sair do plano teórico e se tornar operacional. Para que isso seja exeqüível, necessita-se refletir acerca de mensuração dessa sustentabilidade. Essa questão é tão densa e complexa quanto à própria discussão de desenvolvimento sustentável seja no âmbito político ou

científico. A identificação da informação relevante, capaz de potencialmente esclarecer a existência de quaisquer processos não-sustentáveis de desenvolvimento na relação entre sociedade e meio ambiente, é algo somente possível para uma sociedade, se ela dispuser de instrumentos científico-técnicos e políticos construídos com essa finalidade.

CAPÍTULO 5

TODO DIA É DIA DE FESTA: o festejar em imagens



FIGURA 6 – O pôr-do-sol no rio Madeira, prenúncio das festividades que estão por começar nas comunidades ribeirinhas. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.



FIGURA 7 – Barco recreio cortando as águas do rio Madeira, transportando passageiros e cargas de Porto Velho às comunidades ao longo do rio. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Janeiro de 2007.

Estamos no mês de outubro às vésperas do Festejo de Nossa Senhora Aparecida. Um barco sai do porto do Cai n'Água com destino a São Carlos, cheio de passageiros, pessoas entusiasmadas rumo a festa, muitas delas irão rever familiares, alguns dos rapazes irão para jogar no torneio de futebol como também algumas pessoas irão para conhecer. E um sentimento é comum a todos: a euforia de estar viajando para um evento de muita importância para aquela comunidade.

A festa já inicia no próprio barco, já se forma uma roda de musica, as pessoas se aproximam. Enquanto uns estão na roda de musica, alguns passageiros estão armando suas redes, revendo amigos e colocando a conversa em dia.



FIGURA 8 – Barcos recreio chegando em São Carlos para a procissão de Nossa Senhora Aparecida. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

O barco segue pelas águas do rio Madeira, deixando Porto Velho cada vez mais distante; a paisagem de casas, portos de embarque e desembarque, vai sendo substituída por sítios, pela mata, por plantações de mandioca, por pequenos portos feitos pelos ribeirinhos, pelas canoas...

No barco, os passageiros já acomodados, alguns em suas redes enquanto os demais estão conversando em pequenos grupos ou estão no grupo da música, cantando e tocando os instrumentos que são levados para animar mais ainda o festejo. Parte desses viajantes faz parte do grupo de animação das celebrações das noites da novena.



FIGURA 9 – Balsa transportando combustível de Manaus a Porto Velho. O rio Madeira é a estrada para os ribeirinhos, fonte de alimento, de subsistência, lazer e diversão. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Janeiro de 2007.

A viagem segue seu percurso descendo o rio, encontrando outros barcos, passando pelas comunidades ao longo do rio. A comunidade vai ficando cada vez mais próxima e a animação dos passageiros aumenta com a convivência desse curto espaço de tempo. Esta que já mostra que será ainda maior durante o festejo, advinda da grande movimentação que há na comunidade com as missas, os bingos, o baile, as brincadeiras e o torneio de futebol.

O dia já está se findando e o sol começa a se pôr. A paisagem muda com o fim do dia e com a chegada da noite a animação do barco já é bem acentuada. São Carlos está próximo, alguns passageiros irão ficar no próprio barco, outros têm família na comunidade e outros se hospedarão em pousadas. Nesse momento alguns passageiros já fazem as combinações de onde cada um deles irão ficar, e outros começam a estreitar as relações com aqueles que moram na comunidade, o que já rende um convite para se hospedar na casa de um dos viajantes, e claro, os encontros para depois da missa no forró da comunidade.



FIGURA 10 – O sol se pondo no rio Madeira. A noite vêm chegando e com ela os momentos mais esperados do festejo.
Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

Quando o barco chega à comunidade já é noite. Na beira do barranco estão alguns familiares e amigos dos passageiros a espera de quem vai chegar. O encontro entre aqueles que chegam com os que estão na comunidade é animado, cercado de saudosismo e euforia.



FIGURA 11 – Igreja de Nossa Senhora Aparecida iluminada para o festejo, Comunidade de São Carlos.
Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

As luzes da comunidade despontam no barranco. A igreja está decorada e dos auto falantes da torre o som que se escuta são os cânticos que logo mais estarão animando a celebração. O grupo responsável pela noite do festejo já está na igreja, arrumando o espaço, fazendo o ensaio para a entrada da procissão que dá início a celebração. O movimento que é visto na comunidade é em direção à igreja, as pessoas passam usando a camiseta do festejo ou trajando sua melhor roupa, afinal para o ribeirinho a Santa merece um traje especial. Homens, mulheres, senhoras, jovens e crianças fazem parte do grupo que está na igreja.

O toque do sino anuncia o início da celebração. Nesse momento os bares e comércios da comunidade desligam o som, param de tocar suas musicas. Um

acordo feito entre a organização da festa e o comércio local na hora da missa não se toca musica, só após as atividades da igreja que o som volta a ser ouvido.

O sino toca mais uma vez chamando a todos para o início da Celebração. O dia é do Grupo de Professores da Escola da comunidade. Eles são responsáveis por organizar a celebração, de providenciar o brinde que será bingado, pela ornamentação do altar e pela condução dos cânticos da celebração.



FIGURA 12 – Procissão de Entrada de Nossa Senhora Aparecida. Momento de louvor, oração e devoção no Festejo de São Carlos. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

O celebrante convida a todos para ficarem de pé. Os primeiros acordes do cântico de entrada começam a ser entoados pelos moradores que estão na igreja e uma a celebração inicia com toda a sua carga de fé e devoção. O rito inicial fica sob responsabilidade do grupo que está coordenando a noite do festejo. Este rito é uma procissão com a imagem da Santa Padroeira que será seu lugar no altar devidamente ocupado para que a celebração continue. Nesse momento o grupo formado pelos professores da comunidade adentra a igreja trazendo a imagem da Santa que será colocada no altar.

Eles trazem em suas mãos utensílios de seu trabalho. Livros, apagadores, o giz, um caderno, lápis, são trazidos por alguns deles para serem depositados no altar em agradecimento a santa. O louvor é externado na forma do cântico, na forma de agradecimento por parte do grupo ali presente. A Imagem é colocada no altar e os professores sentam-se nos lugares para eles reservados, assim a celebração prossegue.



FIGURA 13 – Entrada da Imagem de Nossa Senhora Aparecida na celebração. Fiel segura a imagem em devoção, levando-a ao altar para o início de missa. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

A celebração segue a programação do dia fazendo homenagem a Santa padroeira, se reportando a imagem de Maria de Jesus, Mãe de misericórdia. Após a leitura do evangelho, o celebrante faz o sermão lembrando a todos sobre a importância do festejo, fala sobre os eventos que fazem parte da programação e chama todos para o bingo que vai acontecer quando terminar a celebração, também chama atenção dos jovens para não abusarem da bebida durante o forró.

A celebração termina. Os professores estão com cartelas de bingo vendendo para todos. O brinde da noite é em dinheiro, são duzentos reais. Valor desejado por muitos dos moradores que comprem as cartelas para participarem do bingo.



FIGURA 14 – Pátio da Igreja de Nossa Senhora Aparecida em dia de festejo. Espaço do bingo, dos leilões, da convivência da comunidade. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

Além do bingo o participante da festa pode aproveitar opções de lazer que estão a sua disposição, como barracas de comidas e bebidas, doces e bolos, de roupas, o pequeno parque de diversão, o algodão doce, o churrasquinho. No pátio ao lado da Igreja de Nossa Senhora Aparecida está toda uma infra-estrutura montada para acomodar os momentos de diversão e os momentos missa campal do festejo.



FIGURA 15 – O pátio da Igreja durante a semana. O movimento só existe nos momentos festivos. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Janeiro de 2007.

A diversão que o festejo proporciona para o ribeirão faz parte da programação. Já está no planejamento que a organização faz para a festa. Para que as barracas e demais outras atividades estejam na festa é cobrada uma taxa, convertida para a igreja, para manutenção da estrutura e reforma das instalações do prédio, do pátio e das barracas que estão naquele espaço.

A programação do festejo continua com o forró. O baile dançante, momento esperando com grande euforia pelo ribeirão. Jovens e adultos, homens e mulheres se misturam dançando sob o ritmo alucinado do forró nordestino, das bandas da moda musical como Calypso e outros ritmos que fazem a alegria dos participantes. O local do forró é um espaço amplo onde se pode ver tanto os moradores da comunidade como os visitantes em momentos de rodopios, de passos coordenados e levadas seguras dos dançarinos. O forró nos mostra a grande destreza que o ribeirão possui em dançar, nos mostra a grande energia que o enlace dos corpos oferece para quem está ali dançando. O suor brota do rosto e logo vimos muitos deles buscando um lugar para poder se refrescar e tomar sua bebida. Assim, a festa

segue noite adentro, com suas músicas, danças, paqueras, encontros; é o momento onde os jovens têm para exercitar a conquista, de “ficar”, é o jogo da sedução que está no ar.



FIGURA 16 – Igreja de Nossa Senhora Aparecida em dia de festa. Ornamentação, movimento e festividades marcam os momentos do festejo. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

Mais um dia se inicia. A agitação da noite anterior dá lugar a uma tranquilidade temporária. Os moradores se voltam para suas atividades, alguns se recuperam da noite anterior e dorme até mais tarde. É hora de deixar a Igreja e os seus arredores limpo para que a festa continue. Logo mais começa o torneio esportivo e a disputa é grande entre os times que participam. As comunidades vizinhas vieram com seus times e prometem sair do festejo com o primeiro lugar.



FIGURA 17 – Andor com a imagem da Santa. Procissão terrestre do Festejo de Nossa Senhora Aparecida. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

O festejo tem que continuar. E a procissão é a etapa seguinte. Em São Carlos temos duas procissões, uma terrestre e outra fluvial. O andor com a imagem sai da igreja e dá uma volta pela comunidade.

A outra imagem está num andor dentro do barco que faz algumas voltas na frente da comunidade. A procissão terrestre é seguida pelos moradores, são entoados cânticos, fogos de artifício são soltos e explodem chamando todos para participarem e se fazerem presentes naquele caminhar. O barco que leva uma das imagens também solta fogos e lá está o grupo de crianças que trará para a comunidade o andor em forma de barco onde está a outra imagem.



FIGURA 18 – Barco trazendo o andor com a imagem de Nossa Senhora, a procissão das águas enfim chega em terra firme. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

A procissão do Festejo de Nossa Senhora Aparecida é o momento onde vemos os devotos pagando suas promessas, vemos muitos de pés no chão com uma vela na mão simbolizando sua fé, seu agradecimento. O grupo das mulheres da comunidade puxa o cântico, tendo o sacerdote como o pastor que toca seu rebanho em direção ao encontro com da Santa. As duas imagens precisam se encontrar para juntas serem levadas à Igreja para a missa campal e o coroamento de Nossa Senhora.



FIGURA 19 – Procissão das águas sobe a Terra Firme, logo as duas imagens se encontram. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

Na beira do barranco se dá o encontro das imagens de Nossa Senhora, a que está na procissão terrestre e a da procissão fluvial. O barco pára no porto à frente da igreja e um grupo de devotos carrega o andor, tendo uma comissão de crianças, os meninos trajados de marinheiros e meninas de anjos representando protetores do andor de Nossa Senhora. Ouve-se o cântico “Segura na mão de Deus” sendo entoado pelos devotos.



FIGURA 20 – As imagens se encontram. Água e terra juntas no louvor à Santa. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

“Se as água do mar da vida,
Quiserem te afogar
Segura na mão de Deus e vai!
Se as tristezas desta vida
Quiserem te sufocar
Segura na mão de Deus e vai



FIGURA 21 – Os fiéis trazem as imagens. A procissão segue seu caminho. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

A procissão terrestre já espera a chegada do andor fluvial. O encontro das imagens remete a gênese das imagens de Nossa Senhora, uma encontrada no rio e a outra vinda por terra. Em São Carlos eles prestam homenagem às imagens. O andor da imagem que vem pelo rio é feito no formato de um barco, adornado pelos símbolos das águas como canos, malhas de pesca, peixes e botos. Já o andor da procissão terrestre traz a Santa paramentada com um manto costurado pelas mulheres da comunidade, sendo feito com muito esmero e dedicação.



FIGURA 22 – As imagens seguem juntas rumo ao pátio da igreja seguida e sendo louvadas pelos fiéis. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.



FIGURA 23 – Os dois andores lado a lado. Preparação para a missa campal, enfim água e terra estão juntas. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

As imagens se encontram e são levadas para o pátio da Igreja, onde vai ser rezada a missa campal. A missa é para celebrar o momento do festejo, para encerrar a festa com chave de ouro e a participação de todos.



FIGURA 24 – Momentos de louvor na missa campal, preces, cânticos e penitências cercam a celebração conduzida pelo sacerdote. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

A imagem de Nossa Senhora Aparecida antes de voltar para o altar da igreja, antes ela é coroada, recebendo dos moradores orações, cânticos e promessas.



FIGURA 25 – Altar para coroação da Imagem de Nossa Senhora sendo preparado para o momento de encerramento do festejo. Fonte: SARAIVA, Adriano Lopes, Outubro de 2005.

O sacerdote encerra a missa com o sinal da cruz coletivo e deseja paz para todos os participantes. Os moradores se abraçam, rezam, cantam e o festejo chega ao seu fim.

À GUIA DE CONCLUSÃO



FIGURA 26 – Sala de uma residência na comunidade de Santa Catarina, onde observamos a devoção e a religiosidade popular no altar, no oratório e no quadro de São Jorge. Fonte: FECHINE, Elaine, Novembro de 2004.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Falar em religiosidade popular é antes, designar o que chamamos de “popular”, visto que este conceito é normalmente empregado em relação às classes sociais subalternas, ou aos indivíduos que ocupam uma posição periférica na organização espacial de uma dada sociedade. Nas comunidades ribeirinhas ao longo do rio Madeira este aspecto é parte do modo de vida desse grupo social, dessa forma, assume papel de elevada importância para estudos que buscam compreender como estão organizadas as populações ribeirinhas de Porto Velho, Estado de Rondônia.

Assim quando falamos de religiosidade popular estamos nos referindo às manifestações de memória coletiva, aí incluídas a linguagem e a crença nos santos padroeiros, nas entidades da natureza e do universo mental dessas populações. Neste caso, torna-se menos complexo um delineamento do termo religiosidade popular, não pelo que ele representa, mas, ao contrário, pelo que não representa, já que está ligado ao mundo das crenças dos grupos humano. Ademais, a religiosidade popular não é corpo eclesial nem corpo doutrinário, configurando-se em uma religiosidade dotada de razoável independência da hierarquia eclesiástica; incluindo nesse contexto toda a documentação oficial da Igreja e todos os teólogos elaboradores da doutrina. Independência essa ao caráter sistemático do catolicismo oficial, materializada em uma explosão quase íntima ao “sagrado”, humanizando-o, sentindo-o próximo, testando-o e sentindo sua força por métodos criados, não pelo clero, mas pelos próprios devotos, métodos esses que são transmitidos, em sua grande totalidade, oralmente. Em suma, o vivido em oposição ao doutrinal.

Dessa forma, temos na realidade amazônica uma religiosidade popular compostas por dois fatores bem fortes: o indígena e as crenças do caboclo. Estes aspectos por si só, já são capazes de dar novas características às crenças e ao modo como o homem se relaciona com o ambiente a sua volta. Nas comunidades amazônicas temos deste os mistérios das encantarias, da pajelança, dos rituais até os momentos efervescentes das festas religiosas e o imaginário das entidades míticas do mundo da natureza. Essa maneira de se relacionar com o sagrado e com o universo das crenças não representa apenas o produto da amalgamação de duas tradições, a ibérica e a do indígena, estas duas fontes são formadoras da religião do ribeirinho da Amazônia, ressaltando que o componente ambiente físico é grande responsável por este fenômeno. (GALVÃO, 1976)

Somando-se a isto a predominância do caráter rural, tem-se o quadro de uma religiosidade plural, muito mais afeita ao misticismo e à continuidade das crenças pagãs do que próxima a uma religiosidade análoga aos padrões desejados pelas instituições católicas.

Em outras palavras, o catolicismo oficial é voltado para a salvação da alma quando que o “catolicismo de santos” nos mostra que a figura de Cristo perde importância, a oração dá passagem às formulações mágicas e a resolução dos problemas cotidianos suplantam a salvação da alma. Os santos, cada um com sua “especialidade”, serão os companheiros de jornada nesta vida, auxiliando ou impedindo projetos e sendo por consequência “recompensados” pelos fiéis com festas, romarias, pagamentos de promessas e procissões, ou então “punidos”, seja com blasfêmias, seja com o não atendimento dos pedidos, seja com “castigos” advindos no não cumprimento das promessas.

Assim, como no mundo moderno, secularizado, que está repleto de ídolos e deuses não divinos; a religiosidade popular e as crenças das populações terão

espaço? De que forma um mundo pautado no trabalho e na acumulação vai respeitar as crenças de comunidades que estão distantes dos centros urbanos?

O que pode em certa medida transparecer como respostas simbólicas e religiosas às mudanças e secularização do sagrado produzido pelos novos valores sociais em voga na sociedade moderna. Tais práticas surgem como maneiras de resistir e manter relações e identidades sociais diante de novas práticas e valores sociais.

A questão religiosa nos grupos sociais adquire grande importância uma vez que através de suas crenças os indivíduos externam seu modo de se relacionar com o sagrado e com o divino, tendo essa relação expressa por meio dos festejos, procissões, pagamento de promessas, folguedos e demais outras manifestações da crença católica do grupo; temos então, um cenário muito amplo no que concerne ao estudo das festas religiosas. A forma como a festa acontece reflete a organização dos grupos e demonstra a relação que estes indivíduos travam uns com os outros, e a medida que temos no sentido religioso uma via para que interesses contrários estejam num mesmo espaço convivendo juntos; a festa traz consigo uma importante possibilidade para a compreensão da organização social estabelecida pelo grupo.

Em outras palavras, o catolicismo oficial é voltado para a salvação da alma fará frente a um “catolicismo de santos” em que a figura de Cristo perde importância, a oração dá passagem às formulações mágicas e a resolução dos problemas cotidianos suplantam a salvação da alma. Os santos, cada um com sua “especialidade”, serão os companheiros de jornada nesta vida, auxiliando ou impedindo projetos e sendo por consequência “recompensados” pelos fiéis com festas, romarias, pagamentos de promessas e procissões, ou então “punidos”, seja com blasfêmias, seja com o não atendimento dos pedidos, seja com “castigos” advindos no não cumprimento das promessas.

As festas religiosas realizadas nestas comunidades são exemplificações de uma história cultural na qual há uma impregnação no universo cultural do grupo. Já que um festejo articula-se em torno de um santo, considerado aqui esse ente real e imaginário; por se tratar de uma imagem e também de um ser para onde são depositados pedidos, crenças e agradecimentos.

Nestes casos os rituais aparecem como manifestações marcadas por atividades coletivas, pela qualidade e quantidade de danças, pelas inúmeras representações e pela celebração em torno da imagem do santo protetor. São verdadeiros encontros de uma unidade primeira, criação que se cria através do seu próprio criador, desde as origens e nas várias histórias culturais.

Os festejos religiosos ultrapassam a si mesmos como unidades temporais para religar o visível e o invisível, aquilo que está dentro e fora de um tempo, sempre buscando estabelecer laços comunitários, de identidade étnica e tradição dentro das mais variadas relações de poder.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Leila. **Carnaval da alma – comunidade, essência e sincretismo na nova era**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”**. São Paulo: USP, 1998. Tese (Doutorado em Antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

AZEVEDO, Thales de. **Cultura e situação racial no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

BARROS, Marcelo. O divino segredo da festa. In: PASSOS, Mauro (org). **A festa na vida – significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEOZZO, José Oscar. Religiosidade Popular. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol 36, Fac. 168 de Dezembro de 1982.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis, RJ: Vozes/KOINONIA, 2003.

BOADA, Luis. **O espaço recriado**. São Paulo: Nóbél, 1991.

BOISIER, S. **Política econômica, organização social e desenvolvimento regional**. In: HADDAD, P. R. (Org.). Economia regional: teorias e métodos de análise. Fortaleza: BNB/ETENE, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença – contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 5ª edição, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo – um estudo sobre a religião popular**. São Paulo: Brasiliense, 2ª Edição, 1986.

CAMARGO, Cândido Procópio F. de. **Católicos, Protestantes, Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. Religiosidade popular brasileira: misticismo e mestiçagem. **Revista de Ciências Humanas**, Taubaté, V. 10, n. 01, p. 71-78, jan/jun. 2004.

CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1997.

CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1997.

CESAR, Waldo. O que é popular no catolicismo popular. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 36, Fasc. 141 de Março de 1976.

CLAVAL, Paul. O Tema da Religião nos Estudos Geográficos. **Espaço e Cultura**. UERJ, Rio de Janeiro, nº 7, p. 37-58, Jan/Jun. 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: **Geografia: Conceitos e Temas**, organizado por CASTRO, I.E., GOMES, P.C.C e CORRÊA, R.L. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSTA, Heloísa Lara Campos da. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005.

CONSTANZA, R. Ecological economics: the science and management of sustainability. New York: Columbia University Press, 1991.

DaMatta, Roberta. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DALLABRIDA, Valdir R. Novos paradigmas para o desenvolvimento regional. In: **GeoNotas** – Revista do Departamento de Geografia/UEM. TRIMESTRAL - VOL.3 Nº 1 - JAN/FEV/MAR 1999.

DELEURY, Guy. **As festas de Deus – A fé, a história, os mitos**. Instituto Piaget, Lisboa, 1994.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

DIONE, Jean; LAVILLE, Cristian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

DURKEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Ed. Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Ecoturismo, Festas e Rituais na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 1999.

FREMONT, Armand. **A região, o Espaço vivido**. Livraria Almedina, Coimbra, 1980.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

GALVÃO, Eduardo. **Encontro de Sociedades: índios e brancos no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora Universidade Paulista, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª edição, São Paulo: Atlas, 1996.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festas, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris. **Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa, Volume II**. São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 2ª Ed., 1993.

HAGUETE, Tereza Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 9ª edição, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro – 1550-1800**. Petrópolis: Vozes, 1974.

ITANI, Alice. **Festas e Calendários**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

JANCSÓ, István; KANTOR, Íris. **Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa, Volume II**. São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001.

LAPLANTINE, François. **A descrição Etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares: proposições sobre festas brasileiras. In: **Manifestação da Cultura no Espaço**. Organizado por ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MAFFESOLI, Michel **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2ª edição. Trad. Maria de Lurdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 22ª edição, 1994.

MOURA, Margarida Maria. **Nascimento da Antropologia Cultural: a obra de Franz Boas**. São Paulo: Hucitec, 2004.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **O espaço ribeirinho**. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2ª edição, Brasília: Paralelo; São Paulo Editora UNESP, 2000.

PADOVAN, Adenilson. **Religião e cotidiano na cidade de Alto Paraíso (Rondônia)**. São Paulo: Annablume, 2004.

PARKER, Cristián. **Religião Popular e modernização capitalista – outra lógica na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PASSOS, Mauro (org). **A festa na vida – significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREZ, Lea. Antropologia das efervescências coletivas. In. PASSOS, Mauro (org). **A festa na vida – significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREZ, Lea. Breves Notas e reflexões sobre a religiosidade brasileira. In: **Brasil 500 anos**. Imprensa Oficial: Belo Horizonte, 2000. Mineog.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RIVIÈRE, Claude. Representação do espaço na peregrinação africana tradicional. In: **Espaço e Cultura**, UERJ - RJ, nº 07, p.59-67. Jan-Jun de 1999.

ROSENDAHL, Zeny. O Espaço, O Sagrado e o Profano. In: **Manifestação da Cultura no Espaço**. Organizado por ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999a. p. 231-247.

ROSENDAHL, Zeny . **Hierópolis: O Sagrado e o Urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999b.

ROSENDAHL, Zeny . O Sagrado e o Espaço. In: **Explorações Geográficas: percursos no fim de Século**. Organizado por CASTRO, Iná Elias de Castro, GOMES, Paulo da Costa Gomes e CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 119-153.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **A religião numa sociedade em transformação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SIENA, Osmar. **Método para avaliar progresso em direção ao desenvolvimento sustentável**. Florianópolis: UFSC, 2002. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção), Centro Tecnológico – CTC, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

SILVA, Josué da Costa. **Mito e Lugar**. Dissertação de Mestrado. Dep. de Geografia - Universidade de São Paulo: USP, 1994.

SILVA, Josué da Costa. **O Rio, A Comunidade e o Viver**. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2000.

SILVA, Josué da Costa et. al. **Nos Banzeiros do Rio - Ação Interdisciplinar em Busca da Sustentabilidade em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia**. Porto Velho - RO: EDUFRO, 2002.

SILVA, Eulina Trindade; SUSSUARANA, Marcos Augusto Gomes; ARAÚJO, Maura Cristina Melo; BORGES, Valdineuza Maria do Nascimento. **Diagnóstico Socioeconômico dos Distritos de Jacy-Paraná, São Carlos e Comunidade de Cujubim Grande**. Porto Velho: EDUFRO, 2006.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das Romarias – um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis: Editora Vozes/CID, 1996.

OLIVEIRA, Gilson Batista de; LIMA, José Edmilson de Souza. Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. In: **Revista FAE**. Curitiba. Vol. 6, Nº 2, p. 29-37, Maio/Dez, 2003.

ORTIZ, Renato. **A consciência fragmentada – Ensaio de Cultura Popular e Religião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 3ª ed. EDUSP/ITATIAIA, São Paulo, 1988.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Volume I, 3ª edição; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.